

pelo espírito **ANTÔNIO**

Mario Silveira

RECOMPENSAS DA DOR



Conteúdo

<u>A PERDA DAS FILHAS</u>	4
<u>O PLANO DE VINGANÇA</u>	7
<u>DESDODRAMENTOS DO CRIME</u>	13
<u>O ENCONTRO COM MEU AMIGO</u>	17
<u>O SUICÍDIO</u>	19
<u>DO OUTRO LADO</u>	22
<u>O DIA SEGUINTE</u>	27
<u>AS LEMBRANÇAS</u>	31
<u>INICIANDO OS ESTUDOS</u>	35
<u>TRAÇANDO PLANOS</u>	38
<u>O SOFRIMENTO MAIOR</u>	41
<u>OS DESDOBRAMENTOS</u>	44
<u>O TEMIDO REENCONTRO</u>	46
<u>DE VOLTA À VERDADEIRA VIDA</u>	50

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

A635r Antônio (Espírito).

Recompensas da dor / do Espírito Antônio; psicografado por Mario Silveira. -- Campos, RJ: Letra Espírita, 2020.

160p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-991364-5-0

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Vida e morte 4. Dor

I. Silveira, Mario

II. Título.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 80.02.00

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo
2. Mundo espiritual

Copyright © Letra Espírita

Capa: Renato Leandro de Oliveira

Diagramação: Renato Leandro de Oliveira

Revisão: Rafaela Paes de Campos

1ª edição – julho de 2020
5.000 exemplares

Copyright 2020 by
Editora Letra Espírita
Campos dos Goytacazes/RJ

Edição e Distribuição



Fone: (22) 2738-0184
CEP 28020-165
Campos dos Goytacazes/RJ
www.editoraletraespirita.com.br
vendas@letraespirita.com.br



CAPÍTULO 1—

A PERDA DAS FILHAS

Hoje, me dirijo a vocês, leitores, para contar a minha história, tudo o que me aconteceu durante minha encarnação passada e agora, na Espiritualidade, onde me encontro.

Meus amigos, eu morava numa modesta casa de uma vila afastada da cidade, que era pequena. Lá ainda não havia nenhuma modernidade, nem água encanada tínhamos. Usávamos a água que era retirada de um poço, comíamos comida muito simples, pois éramos pobres. Todos na vila eram trabalhadores braçais, que prestavam serviços diários a grandes fazendeiros, e levávamos uma vida tranquila.

Eu era casado e tinha duas filhas, duas meninas maravilhosas, que puxaram a beleza da mãe que, por sua simplicidade, se tornava ainda mais bela. Elas estudavam numa escola que ficava muito longe de casa, iam a pé, caminhavam quase uma hora naquele chão de terra. Mas não reclamavam, gostavam muito de estudar, porque sonhavam em ter uma vida diferente, queriam ser Professoras.

Eu apoiava os estudos, pois não queria que elas tivessem as mesmas dificuldades que eu e a mãe delas tínhamos.

E foi durante o caminho da escola que tudo aconteceu. Certo dia, já era quase noite e as meninas ainda não tinham chegado da escola. Eu estava no trabalho, e quando cheguei em casa, minha esposa, já muito preocupada e em prantos, orava pedindo a Jesus que olhasse por nossas filhas onde elas

estivessem.

A mais velha já tinha seus quinze anos, e a mais nova, treze.

Trabalhei muito naquele dia e cheguei bastante cansado, mas, a notícia de que elas ainda não tinham voltado da escola me deixou muito preocupado. Arrumei forças e saí em busca delas, à procura de, ao menos, uma notícia, pois elas nunca tinham demorado tanto, eram obedientes e sempre chegavam no horário.

Pelo caminho que percorri naquela procura, eu as chamava pelo nome, gritava muito alto, mas não obtinha resposta alguma. E assim, segui procurando.

Eu estava quase chegando à escola onde estudavam, quando vi o caderno de uma delas jogado na beira do caminho. Fui tomado por intensa apreensão, e minha mente foi inundada por pensamentos ruins que me fizeram gritar mais ainda pelo nome de minhas filhas, mas a resposta não vinha.

Cheguei à escola, que já estava fechada, mas com esperança, bati no portão, sem obter retorno. Decidi, então, ir até a casa de um morador que vivia numa casa logo ao lado. Lá, encontrei um senhor e questionei se ele se tinha visto duas meninas que ainda não tinham retornado das aulas até aquele horário. O senhor muito idoso, me disse que viu várias meninas saindo da escola, mas bem mais cedo. Nesse ponto, eu já estava desesperado e imaginando o pior.

Voltei até o local onde tinha avistado o caderno de uma das minhas filhas. Perto, havia um matagal muito denso, no qual decidi adentrar. Com coragem, ali caminhei gritando pelo nome das minhas meninas, mas meu chamado não encontrava qualquer retorno.

Já era noite e só a luz do luar iluminava o meu caminho. Continuei procurando quase que por toda a noite, mas não encontrei mais sinal algum

delas duas.

Decidi voltar para casa, pois estava me sentindo muito fraco, havia apenas almoçado, há muitas horas.

Entretanto, ao chegar, decidi procurar meus vizinhos apesar de já ser madrugada. Eu precisava da ajuda de muita gente e, assim, nos reunimos e nos separamos em grupos, partindo em diferentes direções. Alguns de nós, inclusive, levou armas para nos defender de uma eventual surpresa.

Caminhamos e procuramos até o horário do almoço, mas não encontramos as duas, nem uma pista e, então, resolvemos ir até a cidade para buscar ajuda policial.

Ao chegar à Delegacia, expliquei ao policial e seu assistente o que havia acontecido. Eles decidiram reunir mais dois Policiais e partimos para uma busca mais consistente.

Estávamos próximos a uma grande fazenda, e avistamos rastros de pessoas que haviam adentrado à mata. Fomos seguindo aquelas pegadas, nos embrenhando no meio daquele matagal e ali, vi a cena mais horrível de minha vida, a cena que eu jamais poderia imaginar que fosse atingir minhas duas filhas. Ambas estavam mortas e sem suas roupas, o que me mais tarde eu saberia ter ocorrido porque elas haviam sido vítimas de abusos e, ao fim, estranguladas. Foi uma cena que jamais esqueci na vida, e ainda hoje, desencarnado, me recordo.

Aquela imagem mexeu demais comigo, e fui alimentando um imensurável ódio daqueles que haviam assassinado minhas filhas. Eu só queria descobrir quem havia feito aquilo e, com esses pensamentos, fiquei vários dias sem trabalhar, apenas caminhando sem rumo em busca de encontra-los.

Os Policiais do local onde morávamos receberam reforços de outros que vieram da cidade grande a fim de auxiliar nas investigações daquele caso que

havia chocado toda a região. Encontraram provas, ouviram o depoimento de pessoas que moravam pelas redondezas de onde elas haviam passado e, após dez dias, eu fui chamado até a Delegacia. Chegando lá, me sentei junto do delegado, que me informou terem chegado até os suspeitos do crime, e que a equipe já estava em campo fazendo diligências em toda a região para encontrá-los. Contou-me que se tratava de dois homens que vieram de outro estado para trabalhar ali, no corte da cana.

Aquela notícia causou-me um alívio momentâneo, mas não demorou e eu estava ainda mais enfurecido. Eu alimentava uma raiva dentro de mim, que crescia cada vez mais e mais. Eu não consegui mais trabalhar depois daquele acontecimento.

Voltei para casa e encontrei minha esposa já deitada. Ela estava muito fraca, pois não conseguia comer nada. Entrei no quarto onde ela estava e, eufórico, narrei o que o delegado havia me dito. Logo, logo os assassinos seriam presos e a justiça seria feita. Apesar de não demonstrar, a raiva dentro de mim era enorme, eu quase não a conseguia controlar, mas perto de minha esposa, eu me continha, pois ela tinha muito medo que eu fizesse justiça com as próprias mãos.

Ela recebeu a notícia com certo alívio, pois era o que esperávamos: Justiça!

Na manhã seguinte, acordei bem cedo e segui em direção à cidade para saber notícias do delegado, perguntar se já haviam capturado os assassinos. Chegando lá, vi uma movimentação muito grande na porta, e fiquei nervoso. Sentia dentro de mim que ali estavam os assassinos de minhas filhas.

Soube que os dois tinham sido encontrados em uma fazenda, já muito longe de onde cometeram aquele crime bárbaro. Entrei no meio da multidão que ali se aglomerava e fui empurrando todos que via em minha frente, até que consegui alcançar a porta da Delegacia, que estava trancada. Eles haviam

trancado a porta para evitar que a multidão chegasse perto dos assassinos e se vingassem.

Chamei pelos Policiais que havia conhecido por conta daquele momento triste da minha vida. Logo um deles apareceu, o soldado Carlos, homem alto, forte, com aparência que causava medo nos delinquentes.

Ao me ver, sinalizou para que eu desse a volta e entrasse pelos fundos da Delegacia, e assim o fiz. Chegando lá, encontrei-o parado na porta já me esperando. Entramos muito rápido e ele fechou a porta novamente a fim de manter a integridade dos assassinos.

Fui levado até uma sala que tinha apenas uma mesa com uma máquina de escrever e duas cadeiras, e então ele me disse para aguardar naquele local, pois logo me deixariam ver os assassinos.

Por um tempo, que me pareceu uma eternidade, fiquei aguardando, até que fui chamado pelo soldado Carlos para ir até a sala onde estavam os assassinos. Segui por um corredor, até chegar na porta da sala do delegado. Meu coração estava disparado, batia tão forte que quase dava para escutar e, eu tentava me controlar para não fazer nenhuma besteira. Carlos me orientou e pediu que eu não tivesse nenhuma atitude agressiva, pois poderia acabar me complicando e o delegado me tiraria dali. Respirei fundo, pedi licença para a autoridade máxima e adentrei à sala.

Lá estavam os dois, de cabeça baixa, sem coragem de me encarar. Pedi para ver seus rostos, e o delegado ordenou que eles erguessem a cabeça. Quando os fitei nos olhos, me recordei. Eles tinham trabalhado comigo no corte da cana, na fazenda do Sr. Antônio Fonseca, fazendeiro muito rico que costumava trazer homens de outros lugares para o serviço, já que apenas os moradores da vila não conseguiam dar conta de tudo o que havia a ser feito.

Lembrei-me que cheguei até a conversar com um deles enquanto

trabalhávamos. Conteí como era a vida ali nas redondezas, falei da tranquilidade que era morar naquela vila, pois já havia algum tempo que não ocorria nenhum homicídio ali. Ele até me confidenciou, naquela oportunidade, que havia deixado a família na cidadezinha onde morava, que tinha filhos e esposa e tinha aceitado ir trabalhar na fazenda para poder prover o sustento necessário, já que de onde vinha, não tinha trabalho e passavam necessidades.

Saí dos meus devaneios e, dentro daquela sala, a minha raiva ocupava todo o espaço. A minha vontade era partir para cima deles e estrangulá-los como eles haviam feito com as minhas filhas e, como se lesse meus pensamentos, Carlos me segurava firme pelo braço.

Foi então que comecei a perguntar por que motivos eles haviam feito aquela atrocidade, mas eles não conseguiam me olhar nos olhos. Minha raiva foi aumentando ainda mais, pois ambos pareciam bastante dissimulados. Chegou a um ponto que o delegado pediu que o soldado Carlos me tirasse do local, já que ele precisava dar prosseguimento ao seu trabalho e encaminhar os assassinos para a prisão.

Carlos me levou até uma sala onde me serviram café e água. Sentei num banco, mas não consegui me acalmar. Nem a água consegui beber, tamanho o meu nervosismo. Pedi então ao soldado que me deixasse vê-los mais uma vez, o que ele negou, pois não tinha autorização. Mas me prometeu que mais tarde eu poderia vê-los.

Confidenciei a ele o que eu tinha vontade de fazer com aqueles dois monstros, e ele me disse que também estava muito indignado, porque conhecia a minha história e sabia que eu era um homem honesto e trabalhador, que nunca havia feito mal a ninguém e que não merecia um acontecimento como aquele.

Em muitos momentos, eu cheguei a questionar a existência de Deus. Se

ele era o Pai de todos nós, como poderia deixar que aquela tragédia acontecesse? Se nós éramos boas pessoas, por que ele permitiu que aquilo ocorresse? Minha esposa não questionava, sua fé era inabalável e o tempo inteiro orava. Eu, no dia do crime, perdi a minha.



CAPÍTULO 2 – O PLANO DE VINGANÇA

Na manhã seguinte à prisão dos assassinos, acordei bem cedo, fiz um café e O levei uma xícara para minha esposa, que também já estava acordada. Nós não havíamos conseguido dormir naquela noite.

Disse a ela que queria voltar à Delegacia e ver, uma última vez, aqueles assassinos, já que eu acreditava que seriam levados uma cidade maior, com uma cadeia maior. E assim o fiz.

Coloquei uma roupa melhor, decidido a olhá-los uma última vez, que fosse. Sem que minha esposa percebesse, fui até a cômoda e peguei um punhal que ali ficava, coloquei-o por dentro da calça e o amarrei em minha canela.

Despedi-me da minha esposa e disse que até o almoço estaria de volta. Então, peguei o cavalo que ficava ali na vila, para que usássemos quando precisássemos ir à cidade. Encilhei-o cavalo, com pensamentos em turbilhão, fazendo planos de vingar a morte das minhas filhas.

Eu tinha consciência de que se me vingasse dentro da Delegacia, ali mesmo eu já ficaria preso. Montei o cavalo e segui rumo à cidade. No caminho tive a ideia de pedir ao soldado Carlos que me deixasse ir até a cela onde eles estavam para que pudesse conversar com ambos e, ali mesmo, eu cortaria seus pescoços. Mas, inconscientemente, eu sabia que aquele pedido dificilmente seria atendido.

Durante todo o caminho minha mente borbulhava e tinha mil ideias de

como colocar em prática aquele desejo de vingança tão vivo dentro de mim. Mas algo sempre que fazia voltar à realidade, eu sabia que seria muito difícil, já que eles estavam em lugar seguro.

Chegando na cidade, parei na venda onde fazíamos compra para passar o mês. Era a venda do Sr. Afonso, pessoa boa, homem com um coração muito grande. Havia meses em que meu dinheiro não era suficiente para comprar todos os alimentos que necessitávamos, e ele sempre me vendia fiado, sem pestanejar.

Cumprimentei-o e não demorou para que ele tocasse no assunto, me perguntando como eu estava depois de toda aquela tragédia. Confidenciou-me que se pudesse, mataria aos assassinos, pois aquele tipo de gente não deveria existir nesse mundo. Aquele breve papo me deu ainda mais força para concretizar os planos de matar aqueles dois.

Pedi uma bebida. Acreditava que ela me daria mais coragem para fazer o que queria. Sr. Afonso estranhou, pois sabia que eu não bebia, até me perguntou:

- Compadre, agora deu para beber?

Me chamou de compadre porque aquele era o costume da região quando se tinha intimidade com as pessoas. Eu respondi:

Pois é, Sr. Afonso, tudo na vida tem hora para começar e acabar, – pensei logo nos dois assassinos. – Me vê logo essa bebida.

Ele, então, colocou um copo em cima do balcão e virou a bebida. Num só gole, bebi tudo e pedi outro. Ao todo, tomei três doses, e senti que minha coragem realmente havia aumentado. Ouvei, inclusive, uma voz em meu interior me dizendo para fazer justiça, porque se não o fizesse, logo os assassinos estariam à solta novamente.

Alimentando cada vez mais o meu ódio, parti em direção à Delegacia e,

no caminho as ideias se tornavam mais fortes e eu conseguia enxergar aqueles dois mortos. Via a cena das minhas filhas, e ia me fortalecendo mais e mais.

Cheguei na rua da Delegacia que ficava em frente a uma praça. Tudo estava tranquilo e em nada se parecia com o dia anterior. Procurei uma árvore com boa sombra para amarrar o cavalo e soltei a encilha para que ele ficasse confortável.

Atravessei a rua e, chegando à Delegacia, avistei o soldado Carlos, que logo veio ao meu encontro. Nos cumprimentamos e ele me convidou para tomar um café. Seguimos até a salinha que servia de cozinha e me serviu. Ali ficamos conversando.

Carlos me perguntou como eu estava e como estava a minha esposa, se já havíamos conseguido absorver um pouco daquela tremenda dor. Me senti confortável em confidenciar a ele que eu tinha um plano para acabar com a vida daqueles assassinos. Eu sentia que já éramos amigos e que podia confiar no soldado. Tinha certeza de que logo eles seriam transferidos para uma cadeia em cidade maior e que ficariam pouco tempo presos, já que tinha a informação de que ambos eram réus primários, sem outros crimes em suas fichas.

Pensando nisso tudo, esperei por um momento adequado e disse:

- Carlos, meu amigo, preciso de um favor seu. Melhor dizendo, preciso de sua ajuda, pois não estou conseguindo viver. Passo meus dias planejando uma forma de acabar com a vida desses dois e sei que farei realmente isso, nem que seja a última coisa que eu faça na minha vida.

Carlos, já percebendo o rumo que aquilo iria tomar, me interpelou:

- Meu amigo, compreendo sua indignação com essa situação, mas não vou poder lhe ajudar nesse caso. Eu sou um homem da lei e me causaria muitos problemas ajudar você a cometer este ato.

- Mas, Carlos, - indignei-me - você é a única pessoa para quem eu posso

pedir ajuda. Se não for com seu auxílio, como farei para entrar na Delegacia e ir até à cela onde eles estão? Prometo que não irei lhe comprometer, peço apenas que me deixe entrar na cela e lá, sozinho, farei o serviço.

Carlos parou, pensou e, vendo o sofrimento do amigo, pensou que realmente logo aqueles dois estariam soltos. Então, disse:

- Antônio, não devia fazer isso, mas acho que vou lhe ajudar, pois a minha raiva também é muito grande. Só preciso de um tempo para pensar numa maneira de fazermos isso, sem que nenhum de nós se comprometa. Será preciso que aguardemos um horário em que o delegado não esteja na cidade. Eu saio, fingindo estar indo atender a uma ocorrência e você faz a sua justiça. Mas acalme-se, isso tudo precisa ser muito bem planejado.

- Carlos, mas tem que ser rápido, senão eles irão embora daqui.

- Sim, mas primeiro vou verificar em quais dias o delegado irá para outra cidade, aí lhe aviso e faremos o serviço. Vá embora, descanse um pouco, você está precisando. Amanhã, volte aqui. Até lá, saberei como poderemos agir.

- Que bom, meu amigo! Me sinto até mais aliviado já. Amanhã estarei bem cedo aqui. Um abraço.

- Um abraço, até amanhã.

Segui em direção ao meu cavalo que estava na mesma posição em que o havia deixado. Sem perceber, eu havia amarrado o cabresto muito curto e o pobre nem conseguiu pastar. Fiquei com pena, arrumei o arreio, o puxei até um lugar onde havia água e o deixei beber por alguns minutos. O coitado já estava morrendo de sede. Feito isso, montei e segui em direção à venda do Sr. Afonso. Assim que me viu, ele logo me disse:

- Antônio, parece que já se sente melhor.

- É, Sr. Afonso, o tempo vai passando e a gente tem que melhorar.

O que ele não imaginava era o que estava passando pela minha cabeça e o que eu iria fazer dentro de pouco tempo.

- O que o senhor vai levar hoje, Antônio?

- Tome aqui a lista que minha mulher fez. Ah, coloque também um litro daquela cachaça boa que me serviu, mas já vou logo dizendo, só vou ter dinheiro lá pelo fim do mês.

- Que isso, Antônio?! Você sabe que aqui tem crédito. Para um cliente que compra há mais de quinze anos não se pode negar crédito, não é mesmo?

E sorriu.

Com as compras já ensacadas, fui até meu cavalo, amarrando-as um pouco de cada lado, e me despedi do Sr. Afonso.

- Até mais e obrigado.

Segui então para casa, mas o meu pensamento não saía daquela Delegacia. Por todo o caminho fui pensando de que forma eu poderia matar os dois sem que fizesse barulho com um tiro e sem que eles gritassem.

Ao chegar, chamei por minha mulher, mas ela não respondeu. Entrei e vi que ela estava deitada. Já não lembrava a bela mulher que fora. Os acontecimentos pareciam ter feito com que ela envelhecesse uns vinte anos, e estava muito magra.

Chamei-a e ela, muito fraca, abriu os olhos. De pronto, percebi que ela não estava bem. Fui até a casa de um dos vizinhos que tinha uma charrete, pois precisava levá-la ao médico. Ele logo me atendeu e se prontificou a nos levar à cidade, porque só lá havia médico e, ainda assim, era um só, que atendia num ambulatório.

Peguei-a no colo e coloquei-a deitada na parte traseira da charrete, em um colchão velho que tínhamos.

Seguimos apressadamente e, chegando à cidade, nos dirigimos direto para o ambulatório e, por sorte, o médico estava atendendo. Entrei e logo fui chamando o doutor:

- Doutor, doutor, me ajude, a minha esposa está muito doente.

O médico me pediu para trazê-la para dentro. Mais do que depressa, peguei-a no colo e adentrei aquela sala. Ele a colocou deitada numa maca que ficava naquela sala simples, e começou a examiná-la. Logo diagnosticou que ela estava muito fca e anêmica, e realmente, ela não conseguia mais se alimentar direito. Me senti mal, pois com a minha sede de vingança não percebi o que estava acontecendo. A coitada mal pronunciava alguns sons. O doutor colocou-a, então, numa outra sala que tinha uma cama. E lá ela ficou deitada, tomando soro.

Feito isso, ele me chamou e disse que ela precisaria ficar pelo menos dois dias internada, tomando soro e vitaminas. Logo pensei que seria até bom que ela ficasse internada, pois, assim, eu teria um motivo para estar na cidade, o que evitaria que eu precisasse inventar explicações para as pessoas. Aceitei a conduta do médico e perguntei se podia ficar fazendo companhia a ela. Ele me deixou ficar, pois ali só tinha uma Enfermeira que cuidava dos adoentados e já tinha uma pessoa no mesmo quarto que estava com pneumonia.

Fiquei sentado numa cadeira ao lado da cama por horas, até que resolvi ir até a casa do fazendeiro onde eu trabalhava a fim de pedir um adiantamento, já que precisaria comprar remédios. Chegando lá, bati palmas e saiu uma senhora:

- Pois não. O que deseja?

- Vim falar com o Sr. Manoel, diga para ele que é o Antônio, que trabalha na fazenda.

- Aguarde um instante.

Em seguida, surge o Sr. Manoel, homem muito bom, de coração enorme e que sempre ajudava muitas pessoas, dizendo:

- Olá, Antônio. O que te traz aqui?

- Estou precisando da ajuda do senhor. Minha mulher está doente e precisou ficar internada. Estou sem dinheiro para comprar os remédios e me alimentar já que terei que ficar no hospital por dois dias com ela.

- Coitada, Antônio! Espero que ela melhore! De quanto você precisa?

- Se o senhor puder adiantar o dinheiro de uma semana, eu lhe agradeço. Assim que ela sair do hospital, volto a trabalhar e se for preciso trabalharei dobrado.

- Que isso! Nesses casos de doença, a gente tem que ajudar sim. Vou pegar seu dinheiro e já volto.

Fiquei ali sentado numa mureta pensando que se sobrasse dinheiro dos remédios, iria comprar uma arma para poder fazer o serviço mais rápido. Estava envolto em meus pensamentos quando meu patrão retornou.

- Tome aqui, Antônio, o dinheiro de uma semana de serviço, e este aqui você não precisa me pagar, estou lhe dando, pois você é um funcionário muito bom.

Não sabia o que fazer para agradecer aquele homem bondoso, vendo que ele tinha colocado dinheiro a mais.

- Obrigado, muito obrigado, - eu disse com muita alegria, pois realmente não esperava receber aquela quantia inesperada.

Peguei o dinheiro e fui embora. Passei na venda e comi alguma coisa, pois não havia me alimentado o dia inteiro. Logo voltei ao hospital para fazer companhia a minha esposa.

Fiquei ali por um tempo, até que aquela ideia, que já era fixa, voltou à

minha mente. Tive vontade de sair e ir comprar uma arma, mas não sabia onde poderia achar, então pensei em falar com o soldado Carlos, perguntando-me se ele poderia arrumar alguma, já que na Delegacia possivelmente haviam muitas que eram apreendidas com criminosos e moradores que as tinham indevidamente. Entretanto, senti um certo receio, com medo de sua reação, mas ele era o único para quem eu poderia pedir aquele favor.

Havia sobrado dinheiro, porque meu patão havia me dado uma boa quantia. Se fosse preciso, poderia até oferecer ao soldado caso ele não pudesse me dar uma arma.

Resolvi ir até a Delegacia e ficar à espreita, aguardando que ele saísse e eu pudesse abordá-lo discretamente. Eu não queria entrar lá, pois o delegado poderia estar presente e questionaria o motivo de minha visita.

Fiquei sentado na praça por um tempo, até que Carlos saiu. Fui até ele e o chamei para uma conversa particular:

- Olá, meu amigo, preciso falar com você um instante, se tiver um tempinho.

- Olá, posso sim, vamos até a praça. Se for sobre aquele assunto, ainda não tenho um dia exato para te dizer. Preciso ver com cuidado, para não deixarmos pistas.

- Sim, também iria perguntar sobre isso, pois estou muito ansioso. Não vejo a hora de acabar com aqueles monstros, mas tem outra coisa que queria te pedir. Preciso de ajudar para conseguir uma arma, pois com ela faria o serviço mais rápido.

- Antônio, não sei como te ajudar, pois não posso sair por aí comprando armas.

- Meu amigo, e se você me desse uma dessas que vocês apreendem com os criminosos? Deve ter muitas guardadas lá na Delegacia.

- Não posso! As armas que ficam lá são todas catalogadas e numeradas. Se te dou uma e, por ventura, você é preso com ela, como vou explicar?

- Mas são muitas, ninguém vai sentir falta de uma. Pode ser qualquer uma, até a mais antiga que você tiver lá. Se for o caso, tenho um pouco de dinheiro e lhe posso dar, como agradecimento.

- Onde já se viu, Antônio!? Não quero seu dinheiro, sei bem da sua condição! E depois, você possivelmente vai precisar gastá-lo com sua mulher, já que me disse que ela está muito doente. Vou pensar em algo e lhe dou uma resposta mais tarde. Vou verificar se há alguma que não esteja numerada. Mas, se eu conseguir isso para você, tem que me prometer que, mesmo que for pego e lhe aplicarem castigo, nunca abrirá a boca sobre mim e a ajuda que lhe dei.

- Claro, meu amigo! Isso você nem precisa pedir, dou-lhe minha palavra de honra. Vou ficar por aqui, pois minha esposa vai ficar ainda esta noite no hospital. Mais à noitinha nos encontramos aqui nesse mesmo lugar, e espero que me traga o que estou lhe pedindo.

- Vou ver, meu amigo, vou ver. Até mais.

- Até mais.

Voltei para junto de minha mulher, que estava mais serena e dormia. Fiquei ali sentado ao seu lado, só pensando se meu plano daria certo.

Mais tarde, Carlos apareceu no ambulatório e me deu a notícia que eu estava esperando, a de que havia conseguido uma arma para mim.

- Olá, meu amigo. Como está sua esposa, melhorou?

- Sim, está melhor, está mais forte. Esses medicamentos a fizeram muito bem e ela já voltou até a se alimentar, está mais disposta. O médico disse que amanhã voltaremos para casa. Mas creio que não foi por isso que você veio até aqui, meu amigo.

- Também, mas venho lhe trazer a notícia de que consegui arrumar um revólver para você. Ele não está cadastrado na Delegacia, então peguei-o para você e já está com as munições. Além disso, vim lhe contar que hoje de madrugada você poderá fazer a justiça tão esperada. Vou deixar aquela porta do fundo destrancada. Sabe de qual estou falando?

- Sei sim, aquela por onde entrei no dia em prenderam os assassinos.

- Isso, essa mesma! Você vai entrar e seguir até aquela cela que fica à direita das salas. Eles estão lá, somente os dois, mas ainda assim você precisa ser rápido e certeiro e, principalmente, não pode deixar nenhum vivo.

- Pode ficar tranquilo, pois não vou deixá-los nem me ver. Quando perceberem, já estarão mortos. A minha raiva é tanta que, se você não tivesse me dado essa arma, iria matá-los a dentadas.

Posso imaginar, mas tenha cuidado para que ninguém lhe veja andando pela madrugada. Faça o serviço e volte logo para o hospital, discretamente.

- Pode deixar, meu amigo! Agora, quero saber quanto lhe devo pela arma.

- Não me deve nada. Eu só estou fazendo isso porque já lhe considero como um amigo, e também, porque nutro a mesma raiva por aqueles bandidos.

- Deus lhe abençoe então. Fico lhe devendo mais essa.

- Já está na minha hora de ir embora, pois o delegado pode sentir minha falta. Mas fique tranquilo, à noitinha ele irá para outra cidade. Até mais.

- Obrigado, vá com Deus.

- Amém.

Voltei para o quarto e sentei-me ao lado da minha mulher. Permaneci ali, lhe fazendo companhia, até anoitecer, momento em que saí para comprar comida, pois o hospital só fornecia uma sopa para ela. Sempre trazia algo da

rua, para complementar a alimentação que lhe davam e para ela ter boa noite de sono.

Tive a ideia de comprar um calmante para ela, assim, não correria o risco dela acordar durante a noite e perceber que eu havia saído.

Com isso em mente, fui até a venda e lá pedi um calmante, explicando que era para mim, já que não conseguia dormir naquele hospital. Sr. Afonso me deu um que disse ser muito bom e que deveria ser tomado apenas quando eu decidisse realmente me deitar, porque era muito forte. Peguei o remédio e agradei imensamente por sua atenção comigo.

Comprei umas bolachas para que minha esposa pudesse comer junto com o chá da noite, e voltei ao hospital. Quando o tal chá chegou, dissolvi um pouco do calmante dentro dele, peguei as bolachas e dei tudo à minha mulher, que tomou apenas o chá e quase não quis comer as bolachas.

Não demorou para que ela ficasse sonolenta e pouco a pouco, foi adormecendo profundamente. Permaneci ali, acordado, já que iria sair apenas quando fosse alta madrugada.

As horas passaram depressa, e quando me deu conta, olhei no relógio que ficava no corredor do hospital e já eram três e meia. Resolvi que era chegada a fora, e meu coração ficou acelerado.

Saí muito discretamente para que ninguém percebesse e caminhei pelos lados mais escuros que encontrei pela rua. Chegando à Delegacia, fui até os fundos, por onde entraria rumo à vingança da morte das minhas filhas. Coloquei meu ouvido na porta para escutar, mas não havia nenhum barulho e tudo aparentava estar bastante calmo.

Com muito cuidado, abri a porta que realmente estava destrancada, conforme combinado. Entrei com passos que nem eu mesmo conseguia escutar. O revólver estava engatilhado. Seriam três balas para cada um dos

assassinos. Eu não poderia errar e precisava ser rápido, pois, sem dúvidas, o barulho dos tiros iria chamar a atenção.

Segui até o corredor indicado por Carlos e, do lado direito, estava a cela. Olhei e os dois estavam deitados, dormindo. Aproximei-me ainda mais das grades e, sem querer, trombei em alguma coisa que fez barulho, e um deles acordou.

- Soldado, é você que está aí?

- Não, sou eu, o pai das meninas que você matou.

Sem pestanejar, disparei dois tiros nele, e o outro levantou assustado, gritando por socorro. Finalizei o serviço descarregando toda a arma nele. Foram quatro tiros no segundo, que caiu sem vida ao lado do outro que ainda agonizava.

Saí em disparada, me embrenhando na escuridão da cidade enquanto ouvia vozes e luzes acesas nas casas. Eles haviam escutado os tiros, e como lá era uma cidade muito pacata, isso não era nada comum, gerando curiosidade e susto.

Permaneci escondido por muito tempo. Joguei a arma em um buraco bastante fundo, um antigo poço, próximo à praça. Retornei ao ambulatório e, sorrateiramente, entrei quieto como havia saído. Sentei na cadeira ao lado da cama de minha mulher e fingi que estava dormindo, já que não demoraria a amanhecer. Sentia dentro de mim, um misto de alegria e medo de que alguém pudesse ter me visto. Procurei me acalmar para que não deixasse transparecer a minha euforia.



CAPÍTULO 3 –

DESDODRAMENTOS DO CRIME

Amanheceu e a notícia já tomava conta da cidade e dos corredores do hospital onde estavam eu e minha mulher. O crime era o centro de todas as conversas. A enfermeira que cuidava de minha esposa entrou no quarto, e eu fingi que estava dormindo ainda. Foi quando ela me chamou batendo, em meu ombro:

- Sr. Antônio, como foi a noite? Como passaram?

Fingi que tinha acabado de acordar.

- Bom dia, acho que ela já está bem melhor, pois dormimos a noite inteira, nem água ela pediu e ainda continua, pelo jeito, dormindo.

A enfermeira me disse para não a acordar, pois quanto mais ela descansasse, melhor ficaria.

Resolvi então sair do quarto e ir tomar um café. No refeitório, os acontecimentos da última noite já estavam na boca de todos, que comentavam sobre a morte dos assassinos e como seria possível que alguém entrasse na Delegacia sem ser notado. Aproveitei e decidi entrar na conversa, claro, mostrando-me admirado com o ocorrido.

Meu espanto se misturava a alegria e alívio. Todos que comentavam estavam satisfeitos com o acontecido, só confabulavam mesmo, sobre como poderiam ter entrado na Delegacia, já que durante a noite ela costumava ficar

trancada.

Saí do hospital e fui até a venda. Chegando lá, já havia várias pessoas falando sobre o assunto. Sr. Afonso, logo me viu, veio até mim, para dar as notícias:

- Antônio, você soube o que aconteceu esta noite? Mataram os assassinos das suas filhas!

- Não acredito, Sr. Afonso! Mas como foi isso?

- Pois é! Entraram na Delegacia durante a noite e fizeram o serviço. Dizem que não havia ninguém lá, pois em alguns dias da semana ela fica vazia à noite, já que o delegado e o soldado vão para a outra cidade.

- Nossa! Mas como conseguiram entrar lá? Já sabem quem pode ter sido?

- Ainda não tenho muitas notícias, apenas que o soldado Carlos chegou pela manhã, a porta dos fundos da Delegacia estava aberta e os dois assassinos estavam mortos dentro da cela. Alguns vizinhos dizem ter escutado tiros e gritos pela madrugada.

- Seja lá quem foi, fez a coisa certa, Sr. Afonso, pois, aqueles não mereciam ficar vivos. Não consigo ter dó deles.

- É, Antônio, também temos o mesmo sentimento que você, mas isso é muito ruim para a cidade, que está ficando cada vez mais violenta. Como pode uma Delegacia ser invadida?

- Realmente nesse sentido é muito ruim mesmo. Qualquer notícia, Sr. Afonso, me avise. Vim aqui comprar algumas bolachas para minha mulher tomar café. Se o senhor puder pegar, quero aquelas que sempre levo.

- Pego sim, Antônio, mas me diz como ela está. Você ainda está ficando com ela no hospital?

- Ela já está melhor e mais forte. Penso que não demora para que

voltemos para casa. E sim, estou ficando com ela todas as noites. Ela ainda precisa da minha ajuda.

- Estão aqui suas bolachas. Mais tarde passe por aqui, talvez tenha mais notícias sobre o acontecido.

- Então até mais tarde, obrigado!

Voltei ao hospital. Chegando lá, encontrei a Enfermeira, que logo me abordou:

- O senhor descobriu se é verdade mesmo que mataram os bandidos?

- Mataram mesmo, só que ainda ninguém sabe como isso aconteceu.

- É, mas logo o delegado vai descobrir.

- Acho que sim, ele é muito capaz, - respondi disfarçando meu sentimento de contentamento.

Passei todo o dia com minha esposa. Quando o médico passou para examiná-la, nos contou que na manhã seguinte já poderíamos ir embora, o que a deixou muito feliz. Estava cansada de ficar naquele lugar.

Passamos pela última noite e, de manhã bem cedo, arrumamos nossas coisas e nos preparamos para voltar para casa. Pedi ao meu amigo, o dono da charrete que nos trouxe, que nos levasse para casa. Despedimo-nos de todos no hospital, já que tinham sido muito atenciosos conosco.

No caminho de volta, passamos pelo lugar onde os corpos de minhas filhas tinham sido encontrados, e aquela imagem horrível voltou à minha memória. Mas me senti mais aliviado, pois eu havia feito justiça.

Logo que chegamos em casa, vários amigos da vizinhança vieram nos visitar para saber como estava a saúde de minha esposa.

Naquele mesmo dia, mais tarde, eu estava sentado perto da janela quando

vi Carlos se aproximando em companhia de mais dois Policiais.

- Boa tarde, Antônio. Como está? Sua esposa está melhor?

- Boa tarde Carlos, estou bem e minha esposa já está bem mais forte, teve alta hoje cedo. O que traz você aqui, meu amigo, junto com esses outros soldados?

- Vim até aqui, a pedido do delegado, que pede sua presença na Delegacia, amanhã pela manhã, para prestar depoimento sobre o fato ocorrido. Ele pediu até reforço, pois a nossa cidade, em alguns dias da semana, fica sem policiamento. Esses dois soldados, a partir de agora, passarão a fazer parte da equipe de nossa cidade, e vieram me ajudar.

- Não estou entendendo. Por que tenho que ir à Delegacia prestar depoimento? Não tenho nada a ver com isso, estava o tempo inteiro com minha esposa no hospital.

- Não se preocupe, é apenas para colher algumas declarações, já que o senhor teve familiares envolvidos com eles. O delegado precisa ouvi-lo, mas é praxe!

- Ah, sim! Amanhã logo cedo estarei lá. Querem tomar um cafezinho ou uma água? É só o que tenho para oferecer. Você sabe da minha condição, estou sem trabalhar já faz alguns dias e, se não fosse a ajuda do Sr. Manoel, não sei como iria fazer.

- Obrigado, temos que voltar rapidamente para a cidade. Temos muitas tarefas para serem cumpridas ainda. Até mais.

E assim, foram embora. Notei Carlos um pouco diferente, meio seco, mas talvez fosse porque estava acompanhado e não queria demonstrar que tínhamos muita amizade.

A tensão pela situação foi inevitável e eu não sabia se conseguiria

esconder o que tinha feito. Não sabia se seria capaz de fingir diante das perguntas que seriam feitas pelo delegado. Por horas, fiquei pensando no que falar, e cheguei à conclusão de que eu tinha uma boa desculpa, afinal, estava no hospital com a minha esposa. As enfermeiras tinham me visto à noite e, de manhã, quando retornaram, eu estava lá. Não tinha como dar errado!

As horas demoraram uma eternidade para passar naquela noite. Eu não consegui dormir nem por uma hora, pois minha cabeça não desligava, repassando o tempo inteiro o que eu deveria falar na Delegacia.

Enfim, chegada a manhã, peguei o cavalo e segui bem cedo rumo à cidade. Ao chegar, fui até a venda tomar um café e ver como estavam as coisas por ali.

- Bom dia, Afonso. Como estão as coisas? Já descobriram quem matou aqueles assassinos?

- Bom dia Antônio, pelo jeito ainda não, mas o negócio lá está movimentado, tem mais dois policiais que vieram da cidade grande para dar apoio ao Carlos. Estão fazendo perguntas para todos da redondeza. Não chamaram você para conversar?

- Chamaram sim, é por isso estou aqui. Tenho que ir lá agora bem cedo, mas, é só para conversar com o delegado.

- Ah, imaginei que eles iam querer conversar com você, pois era um dos interessados na morte daqueles bandidos, não era?

- Não vou mentir, era sim, queria vê-los debaixo da terra. Mas queria mesmo que tivesse sido pelas minhas mãos, não pelas dos outros. Mas, de qualquer forma, eu achei muito bom e me sinto vingado, - ri, e Sr. Afonso também riu.

Tomei meu café e segui para a Delegacia. Chegando lá, entrei e logo vi Carlos.

- Bom dia, soldado, vim aqui atender ao chamado do delegado.

- Bom dia, Sr. Antônio, sente-se ali. Vou ver se o delegado já pode lhe atender, aguarde um instante.

Enquanto aguardava, as cenas do ocorrido passavam pela minha cabeça e eu me perguntava como tivera coragem de cometer aquele crime, pois nunca havia pensado em algo parecido. Olhei para o lado e vi a cela onde estavam os assassinos. Senti alívio em vê-la vazia, já que era sinal de que eu tinha feito um bom trabalho, cumprido com a minha meta e sem deixar rastros.

De repente, escuto o meu nome. Era o soldado me chamando.

- Sr. Antônio, por favor, venha até a sala do delegado.

Me levantei e senti que minhas pernas estavam um pouco trêmulas. Eu não podia deixar que percebessem, então firmei meus passos e segui até a sala indicada.

- Bom dia.

- Bom dia, queira se sentar, por favor. Mande chamar o senhor aqui porque tenho algumas perguntas a fazer. Ficou sabendo do acontecido nesta Delegacia, não ficou?

- Fiquei sim, estava com minha esposa no hospital quando fiquei sabendo.

- O senhor estava então na cidade no dia dos fatos?

- Sim, estava sim. Já há alguns dias estava com minha esposa no hospital e, como à noite lá não ficam os médicos, eu dormia com ela, pois caso precisasse de algo, eu estaria ao seu lado.

- E o senhor não saiu do hospital nenhuma vez, durante a noite do acontecido?

- Não, senhor. Se o senhor quiser, pode até perguntar para as Enfermeiras que ficam lá à noite. Não podia deixar minha mulher sozinha nem um minuto. E não tinha motivo para sair, né?

- Está bem, mas nós vamos conferir tudo o que o senhor me disse, porque queira ou não o senhor é suspeito. Sabe como é, né? Talvez tenha querido vingar a morte de suas filhas.

- Que isso?! Não vou negar que queria vê-los mortos, mas nunca seria capaz de cometer um crime, ainda mais dentro de uma Delegacia.

- Ok, o senhor está dispensado. Qualquer coisa, mando chamá-lo novamente. Até mais, obrigado.

- Obrigado o senhor, estarei sempre à disposição e se precisar é só mandar me chamar.

Deixei a Delegacia e, ao ganhar a rua, me senti como um pássaro que ganha a liberdade, pois, não posso negar, tive muito medo de ficar preso.

Segui então para a venda novamente, para comprar algumas coisas para minha esposa.

Peguei as minhas compras e voltei para casa rapidamente, já que minha esposa estava sozinha durante todo aquele tempo. Segui pela estrada, tendo mil ideias caso o delegado novamente me chamasse a depor. Pensei em todas as desculpas possíveis que eu poderia usar. Cogitei a hipótese de comentar com minha esposa sobre aquela noite, dizendo que eu não saí do hospital, mas ponderei, pois, se assim o fizesse, causaria desconfianças nela. Precisava encontrar um jeito adequado para tocar naquele assunto.

Chegando em casa, chamei-a, mas ela estava deitada. Por mais que tivesse melhorado, ainda estava fraca.

- Meu bem, cheguei! Passei na venda e trouxe várias coisas para você.

Precisa se alimentar melhor para ficar bem rápido.

- Ai, Antônio, sempre preocupado comigo!

- Claro, Amália, sou seu esposo e tenho que zelar de você, né?

Amália deu um tímido sorriso e me questionou sobre os motivos que tinha levado o soldado até a casa no dia anterior, pois,ela tinha visto.

- Antônio, vi que o soldado veio até aqui em casa e você foi até a cidade. O que ele queria com você?

- Então, você nem ficou sabendo, e eu não tive tempo para lhe contar. Mataram os assassinos das nossas filhas, e o delegado quis conversar comigo a fim de verificar se eu sabia de algo, afinal de contas, para ele, eu tinha motivos para cometer esse crime.

- Antônio, você fez isso?

- Claro que não! Estava com você no hospital. Como poderia ter feito isso? Tudo aconteceu uma noite antes de você ter alta, e passei toda a noite com você. Não se lembra?

- Lembro. Você quem me deu os remédios que tinha que tomar.

- Pois então! Ele só queria conversar para ver se eu tinha algo a ver com o ocorrido. Talvez, até lhe procurem para perguntar sobre aquela noite.

- Será?

- Talvez, mas é só você dizer a verdade, que eu passei toda a noite com você.

- Eu estou com medo. Quem poderia ter feito isso, Antônio?

- Deixe para lá, meu amor, o que importa é que a justiça foi feita e eles não vão mais fazer isso com ninguém.

E assim se passaram os dias.



CAPÍTULO 4 -

O ENCONTRO COM MEU AMIGO

Passados alguns dias, eu já tinha voltado a trabalhar na fazenda e tinha recebido meu pagamento, o que faltava do adiantamento que meu patrão me dera. Assim, fui até a venda para pagar a conta que estava pendente e comprar mais mantimentos pra minha casa.

Passei pela praça em frente à Delegacia, desejando muito encontrar Carlos, já que desde o dia do crime, não tinha mais conversado com ele. Entretanto, não quis entrar, pois fiquei com receio de dar a entender que estivesse preocupado.

Resolvi seguir até a venda. Chegando lá, como sempre, fui bem recebido pelo proprietário.

- Olá, Antônio, está sumido. Já voltou a trabalhar?

- Oh, voltei sim, por isso dei uma sumida, só hoje que peguei meu pagamento e vim direto pagar o senhor.

- Que isso, meu amigo?! Falei isso, mas não era para lhe cobrar.

Dei um sorriso, mas sabia que estava já bem atrasado com meus compromissos.

_ É, Sr. Afonso, uma hora a gente tem que pagar as contas, né?

- Você vai levar alguma coisa hoje?

- Vou sim, e, por favor, some a conta velha, pois vou ter que fazer uma

nova. Como está o andamento do processo dos assassinos? Acharam quem fez o serviço?

- Que nada, Antônio! Até hoje não conseguiram encontrar nada, mas parece que o delegado nem faz muita questão também.

- Quem fez o serviço, fez bem feito, porque não deixou rastro algum, é um profissional.

- Aqui estão suas compras, tudo o que o pediu.

- Obrigado. Logo pagarei esta conta.

- Imagine! Fique tranquilo.

- Então até mais.

Peguei as compras, coloquei-as amarradas na garupa do meu cavalo e, quando ia montar, escutei alguém me chamando:

- Sr. Antônio!

Olhei ao redor e não vi ninguém, percebendo que me chamavam na praça. Fui puxando o cavalo até lá e para minha surpresa, quem me esperava era o soldado Carlos.

- Olá, amigo, quanto tempo! Não o vejo na cidade já faz algum tempo.

- Oi, Carlos. Realmente fazia tempo que não vinha para cá. Voltei a trabalhar na fazenda e o serviço estava atrasado, então não podia ficar saindo muito. Mas, me diga, como estão as coisas? Como anda a investigação? O delegado já descobriu alguma coisa?

- Por enquanto não, está tudo do mesmo jeito. O delegado está deixando meio de lado. Parece que o que o preocupava mais era a invasão da Delegacia. Isso ele não consegue engolir, inclusive, chegou até a me acusar, mas como não estava na cidade naquela noite, não pôde fazer nada.

- É, passei alguns dias sem dormir achando que ele ia chegar até a minha pessoa, mas agora já estou mais tranquilo, já estou até conseguindo dormir.

- Pois é, o duro é se a investigação passar para o pessoal da cidade, aí fica complicado.

- Nossa! Mas será que isso vai acontecer?

- Sei não, Antônio, tudo pode acontecer. As cobranças dos superiores, você sabe, né? Mas, deixe-me ir, não posso ficar aqui conversando com você para não levantar suspeitas.

- Vá, meu amigo, vá. Se tiver qualquer novidade, arrume um jeito de me avisar.

E o soldado desapareceu rapidamente pela praça, pois não queria ser visto falando comigo.

Arrumei novamente as compras no meu cavalo e montei para seguir para casa. No caminho, fui pensando que se eu fosse preso, como faria para zelar por minha esposa porque, no estado em que ela estava, não poderia trabalhar. Sacudi a cabeça para espantar aqueles pensamentos, pois eles me deixavam muito angustiado.

Chegando em casa, vi que estava exatamente do mesmo jeito que eu havia deixado ao sair de casa. Fiquei preocupado, pois as janelas ainda estavam fechadas, e minha esposa costumava abri-las logo pela manhã, para renovar o ar dentro de casa.

Desci meio afoito do cavalo, chamando minha esposa:

- Amália, Amália.

Não obtive respostas e entrei bruscamente. Foi quando a vi caída no chão. Peguei seu pulso para sentir seus batimentos, e nada. Coloquei minha cabeça no seu peito, mas não sentia sua respiração. Ela estava morta!

Saí gritando aos quatro ventos e chorando muito, pois minha companheira de muitos anos havia partido. Me sentia culpado por não ter conseguido curar sua doença. Ficava o dia inteiro no trabalho e só retornava à noite, sempre muito cansado, e não me dei conta de que ela estava piorando novamente.

A vizinhança, me vendo daquele jeito, veio até mim, mas não sabiam o que estava acontecendo. Não demorou para que entendessem que minha Amália havia morrido.

Fiz todas as homenagens que ela merecia com um velório digno, cheio das flores que ela gostava. Foi sepultada no pequeno cemitério da vila. Muitas pessoas apareceram para prestar suas condolências, pois tínhamos nos tornado pessoas conhecidas com o assassinato de nossas filhas.



CAPÍTULO 5 – O SUICÍDIO

Minha vida ficou muito sem graça. Eu tinha mais ninguém e vivia só naquela casa. Trabalhava o dia todo e, inclusive, conseguira um bico como guarda-noturno, já que não havia mais ninguém me esperando em casa.

Passsei verdadeiramente a beber e, quase todas as tardes após o fim do trabalho, passava na venda e tomava meus gorós.

O tempo foi passando e minha relação com a bebida tornou-se cada vez mais próxima, e eu já não conseguia ficar um dia sequer sem beber. Eu havia me tornado um alcoólatra.

A dependência fez com que o Sr. Manoel, inclusive, me demitisse, pois eu chegava a ir trabalhar bêbado e levava a bebida junto comigo para o trabalho. Com a demissão, fiquei ainda mais deprimido e aumentei a quantidade que bebia, chegando até ao cúmulo de dormir na praça e nem ir mais embora para casa. Eu não tomava mais banho e tinha me tornado um mendigo.

Além de tudo isso, eu estava escutando vozes, vozes que me diziam para reparar bem nas meninas que saíam da escola, pois eu ainda era jovem e precisava de uma mulher. Eu relutava muito com essa voz, mas elas não paravam um minuto sequer, enchendo minha cabeça de pensamentos.

Infelizmente, fui cedendo, pouco a pouco, àqueles conselhos que eu não sabia exatamente de onde vinham. Na hora da saída da escola, eu ficava sentado num banco ali em frente, de olho nas meninas maiores. Queria ver se

alguma delas gostaria de se casar comigo, se me daria atenção. Até banho voltei a tomar. Me sentia jovem e as vozes me incentivavam tanto, que eu parecia um galã.

Um dia resolvi seguir uma das meninas, que aparentava ter seus dezoito anos. Ela me olhava, não sei se com dó ou com pavor, mas naquele momento eu achava que me olhava porque tinha gostado de mim. Eu estava com muitas garrafas de bebida, já que naquele dia eu tinha começado a beber muito cedo. Eu sabia que ela morava em uma fazenda nas proximidades da cidade, e apressei o passo para alcançá-la.

Aquelas vozes me diziam que ela me queria, que eu deveria tomá-la em meus braços para que se sentisse amada. Foi então que eu a segurei. Ela tentou gritar, mas eu tapei sua boca com um beijo. Ela tremia e estava nitidamente apavorada, mas eu não percebia. Puxei-a para um pasto que ficava longe da cidade, fechando sua boca, agora, com a mão e dizendo-a que minha intenção era casar-me com ela, que ela se tornaria minha mulher porque assim já estava escrito. As vozes me diziam isso.

A pobre menina estava tão apavorada que nem conseguia mais se mexer, e parecia que ia desmaiar. Naquele momento, totalmente bêbado e obsidiado, eu a tomei a força. Abusei daquela coitada sem perceber o tamanho do absurdo que eu fazia. Ela desmaiou e, aí, tive consciência do que havia feito.

Aquelas vozes agora gargalhavam. Me chamavam de criminoso e fui enlouquecendo, pois elas não se calavam. Corri sem rumo, me embrenhei na mata e ali me escondi até à noite, com medo de que já estivessem atrás de mim.

Que loucura! Que absurdo eu havia feito! Eu me sentia sem rumo, me deixei levar por aquelas vozes que, agora, zombavam de mim o tempo inteiro. Ali fiquei por dias, não comia, apenas bebia água, e estava quase enlouquecendo.

Já sem forçar e morrendo de fome, decidi sair do matagal e procurar algo que pudesse comer. Mas não fui muito longe, pois logo me avistaram e correram atrás de mim. Eram os moradores daquela região que sabiam do que tinha acontecido e o que eu tinha feito. A menina havia sobrevivido àquela brutalidade.

Corri muito, mas não consegui escapar. Me pegaram e me amarraram numa árvore. Enquanto alguns saíram para chamar os Policiais, outros ficaram comigo, de guarda, me dando socos e pontapés. Eu já estava com o rosto todo ensanguentado, pedia perdão, mas de nada adiantava. Quanto mais eu falava, mais eles me batiam.

Avistei ao longe, os moradores retornando, acompanhados pelos Policiais. Naquela altura, eu só rezava para que fosse preso logo, pois eu não aguentava mais apanhar e sabia que ia acabar morrendo ali se os Policiais demorassem mais um pouco.

Quando se aproximaram, eu vi o soldado Carlos e outros Policiais, e abaixei minha cabeça envergonhado. Logo eu, que tanto os havia cobrado com o assassinato de minhas filhas!

Fui algemado e levado à prisão. A multidão nos seguia, raivosa, sem acreditar que eu tinha feito aquela insanidade.

Na Delegacia, fui colocado sozinho em uma cela e me disseram que ali eu ficaria até o delegado chegar. Sentei naquele chão frio e revivi todos os momentos. Como eu pude fazer aquilo? Eu era um homem bom, trabalhador, tive minha família, mas perdi tudo. As vozes eram as culpadas por aquela atitude impensada, elas me incentivaram a cometer o crime.

De repente, um soldado veio até a cela e mandou que eu ficasse de pé para recolocar as algemas. Me levantei e estendi as mãos para ele. Eu não disse uma única palavra, pois estava muito assustado ouvindo os gritos que vinham

do lado de fora da Delegacia. Tinha muito medo que fizessem justiça com as próprias mãos, assim como um dia eu fizera.

Segui pelo corredor até chegar à sala do delegado. Lá, me colocaram numa cadeira em frente a ele, que estava de cabeça baixa escrevendo. Quando me sentei, ele levantou os olhos fitando-me como se não acreditasse no que eu tinha feito.

- Sr. Antônio, o que o senhor fez, hein?!

- Foi um minuto de loucura, delegado.

- Um minuto que talvez vá lhe custar a vida inteira. Então, quer dizer que o senhor assume o estupro? Foi o senhor mesmo?

- Sim, doutor, fui eu mesmo. Eu agi movido pela bebida e por vozes que ouvia.

- Vozes?

- Sim, vozes. Naquele momento eu escutava vozes me dizendo que deveria fazer aquilo com aquela menina, pois ela me queria. Essas vozes diziam que eu tinha que encontrar outra mulher para mim e que ela era a pessoa certa.

- O senhor só pode ter ficado louco! Deve ser de tanto beber. Mas, essas desculpas não valem de nada, e o senhor vai ter que pagar por esse crime.

- Eu sei, não estou negando! Estou apenas arrependido e queria muito pedir desculpas para ela e para os pais dela, porque sei a dor que eles estão sentindo.

- Pois é, isso é mais um agravante, pois já passou por isso, né?

Apenas afirmei com a cabeça e abaixei-a, porque estava com muita vergonha e tinha vontade de tirar a minha própria vida.

- O senhor vai ficar preso até o seu julgamento chegar. Ficaré aguardando

preso.

Fiquei ali cabisbaixo, sem nenhuma perspectiva. Eu tinha certeza que seria condenado, já que não tinha dinheiro para pagar um advogado. E então, as vozes voltaram, gargalhando muito, e estava à beira de enlouquecer.

O delegado mandou que me colocassem na cela. O soldado me levou até o local sem me dizer uma única palavra. Entrei, ele retirou as algemas e trancou-me. Era a mesma cela onde ficaram os assassinos das minhas filhas. Nela eu havia cometido um outro crime que apenas o soldado Carlos sabia. Pensei que ele poderia contar, mas abandonei logo o pensamento, pois, se assim o fizesse, ia complicar-se também.

Fique deitado e sentia muita dor, pois, tinha apanhado muito. Meus pensamentos estavam muito rápidos e as lembranças vinham todas ao mesmo tempo: minha família, meus crimes. Sem perceber e sem querer, eu havia me transformado em um criminoso. Os pensamentos eram acompanhados por aquelas gargalhadas, e as vozes diziam que eu iria pagar pelo que tinha feito. Afirmavam que eu iria apodrecer na cadeia, e eu estava cada vez mais ficando maluco.

Já era noite quando me trouxeram comida. Comi feito um animal, já que não comia há dias, e também bebi muita água.

Quando terminei aquela refeição, deitei-me novamente e comecei a pensar em morte. Não havia motivo algum para permanecer ali, vivo. Eu não servia para mais nada e, se eu morresse, ainda havia a possibilidade de encontrar a minha família, quem sabe! Aqueles pensamentos foram se amplificando de forma a tornarem-se incontroláveis.

Foi então que percebi que ao meu lado tinha um pano, algo que parecia ter sido um lençol. Estava sujo, fétido, e claramente estava ali desde a construção daquela Delegacia. Foi então que me lembrei que na noite em que

matei os dois assassinos das minhas filhas, um deles estava coberto com aquele pano.

Pensei em fazer uma corda e me enforcar. Mas como fazer isso? Será que era o certo? Será que teria coragem? De repente, as vozes voltaram, agora me incentivando a cometer suicídio. Nitidamente elas me davam forças e eu pensei escutar a voz de Amália dizendo que estava me esperando. Aquilo me deu mais ânimo e decidi que sim, cometeria suicídio. Comecei a rasgar o lençol em tiras, trançei-as e, enfim, consegui que virasse uma corda.

Na cela, havia uma janela que ficava no alto, feita de grades e vidro. Planejei, então, que durante a noite eu quebraria o vidro e amarraria a corda nas grades.

E assim, realmente o fiz! Já era madrugada quando amarrei a corda feita por mim, nas grades, dando um laço firme. Subi em um banquinho que ficava na cela e envolvi meu pescoço com a corda. As vozes me incentivavam e, enfim, tive coragem de chutar o banco.

A corda artesanal ficara bem forte e não cedeu ao meu peso. Senti muita dor e falta de ar, até que desfaleci. Eu estava morto.



CAPÍTULO 6 - DO OUTRO LADO

Acordei assustado. Me vi ainda com a corda no pescoço, sentindo muita dor e falta de ar. Olhei em volta e vi que estava em um lugar muito sujo e escuro, o que me fez pensar que ainda era noite. O lugar era fétido, cheio de grutas e realmente eu não conhecia este local, nunca tinha visto algo parecido. Onde será que eu estava? Percebi que estava liberto, não estava mais numa cela. Estava livre, mas num lugar horrível, amedrontador, muito difícil de descrever. Parecia um vale escuro.

Comecei a escutar aquelas vozes novamente, mas dessa vez parecia que estavam mais perto, até que, de repente, me deparei com aqueles dois rapazes, os assassinos das minhas filhas. Mas como poderia eu estar ali com eles? Por que não estava com minha família?

Eles estavam acompanhados de várias pessoas, mulheres e homens, e todos queriam me pegar, queriam fazer tudo o que fiz com aqueles dois. Eu não entendia o porquê dos outros também me quererem mal. Eu sabia que eles tinham razão, mas aquelas mulheres! O que teria feito a elas? Foi então que me falaram:

- É, Antônio, até que enfim nos encontramos! Estávamos lhe esperando, já fazia algum tempo, mas você não tinha coragem de vir para cá, só veio porque ajudamos você.

- O que vocês querem comigo? Falem, não quero ficar perto de vocês!

Vocês são uns assassinos, não quero ficar com vocês!

- Cale a boca, Antônio, seu maldito! Agora você vai pagar por tudo o que fez conosco. Comigo, com meus colegas e com essas outras pessoas que lhe esperam há mais tempo do que nós.

- Mas, mas...

- Cale a boca! Não fale nada, senão vai ficar pior para você. Fique calado.

Então começaram a me puxar pela corda que ainda estava amarrada ao meu pescoço. Saíram me puxando, enquanto outros iam atrás me batendo com cordas. Parecia que eu não sentia mais nada, pois a dor já era intensa sobre todo o meu corpo, até que não aguentei mais e caí. Fiquei ali jogado no chão lamacento, sentindo um cheiro horrível de lama podre.

Eu implorava por água, e eles me mandaram beber aquela que estava na poça, aquela água lamacenta! Não consegui beber, era muito fedida e gosmenta, parecia um lodo negro, mas não estava aguentando mais a sede e não tinha outra alternativa. Foi horrível, uma experiência inimaginável, mas a sede era enorme, então bebi até saciar minha sede. Meu estômago doía, tinha vontade de vomitar, porque aquele lodo dava enjojo. Não demorou e começaram a me puxar novamente.

- Levante, seu imundo! - Disse uma das mulheres. Está sem força? Mas, quando abusou de mim, teve forças para me segurar e me estrangular, não foi, seu assassino? Queria ficar escondido de nós, mas lhe achamos, e agora vai ser escravo para sempre. Vai ter que sofrer tudo o que nos fez sofrer. Aqui não tem ninguém para lhe salvar, não adianta gritar nem chorar. Se conforme, agora você é nosso escravo.

- Mas não me lembro de ter feito isso com vocês, apenas de ter tirado a vida desses dois.

- Não se lembra porque foi em outra vida em que você viveu. Já faz

muito tempo que estamos lhe esperando aqui.

- Vocês devem estar loucos.

- Cale a boca e continue andando, não quero mais ouvir sua voz.

Então seguimos, isto é, seguiram me puxando pela corda que eu mesmo havia trançado. Andamos por aqueles caminhos em que mal dava para passar, pois havia pessoas deitadas, sofrendo dores que tinham sido adquiridas enquanto encarnadas, e ao lado delas estavam seus obsessores, tomando conta para que sofressem o máximo possível.

Fomos nos aproximando de uma montanha que tinha uma entrada que eu só conseguia enxergar porque havia tochas de fogo iluminando o caminho. Entramos e parecia um labirinto. Tinha portas, ou melhor dizendo, buracos para todos os lados, até que chegamos em um salão amplo, onde estavam várias pessoas, talvez centenas. Algumas tinham forma de animais, não sei, pareciam monstros, porque não eram semelhantes a nada que eu havia visto enquanto estava encarnado.

Colocaram-me no meio do grupo deles, não sei porque, talvez para me proteger daqueles “animais”, então resolvi perguntar:

- Que lugar é esse?

- Cale a boca! Já mandei você ficar calado.

Mas uma delas me respondeu:

- É uma reunião onde vamos ver o mestre falar, discursar e dar novas tarefas para nós.

Então achei melhor ficar calado e prestar atenção, pois não tinha muito o que fazer.

De repente ouviram-se gritos e palmas. Era o chefe chegando! Mais parecia um monstro, pois não tinha forma humana como nós, era muito alto,

quase uns três metros. Uma figura horripilante.

Começou seu discurso esbravejando e intimidando a todos que estavam ali. Eu tinha a impressão de que os participantes daquela reunião eram todos escravos dele e deviam favores a ele.

O chefe então perguntou:

- Quantos escravos mais vocês conseguiram trazer para nossa reunião hoje? Não me digam que não trouxeram muitos, porque quero aumentar nosso grupo, precisamos de mais escravos, senão, vou ter que rever a situação de alguns que já estavam livres. Vamos, me apresentem os escravos.

Então um dos assassinos e aquela mulher me puxaram lá para frente.

- O nosso está aqui.

- Muito bem. Cadê os outros?

E foram chegando muitos, trazidos por outros grupos. Ficamos ali frente a frente com aquela criatura horripilante e eu não conseguia nem respirar direito, pois o medo me dominava.

Foi quando o chefe deu ordem aos soldados que o acompanhavam para levar-nos até a cela a fim de passarmos por um treinamento. Fomos levados embaixo de chicotes até a cela. Batiam sem dó, parecia que sentiam gosto em fazer-nos sofrer, gritavam tocando a gente como se fôssemos animais.

Chegamos a um buraco escuro onde só tinha uma tocha muito pequena acesa. Nos colocaram para dentro e fecharam a porta com uma pedra, deixando apenas uma pequena fresta por onde nos revezávamos para conseguir respirar. Era sufocante, pois ali era o único local por onde entrava um pouco de ar.

Era um lugar horrível e lutávamos entre nós por um pouco de ar. De vez em quando, nos traziam um balde com comida, péssima por sinal. Parecia uma lavagem, era gosmenta, com sabor de lodo, e eu acredito até que era mesmo

feito de lodo, porque era verde e fétida. Mas, era a única coisa que tínhamos para comer.

Não sabíamos quando era noite e quando era dia, pois aquele lugar era muito escuro. Eu escutava gritos de sofrimento, aquilo era o verdadeiro inferno.

Passado um tempo, apareceram dois guardas, também com formas animais, com rabos e chifres, e chamaram dois de nós que ficavam perto da porta. Nos rebelamos, tentamos escapar, mas tinham um tipo de chicote que cortava, machucava muito, chegava a nos derrubar. Nos fecharam naquele buraco novamente e ficamos muito curiosos, porque queríamos saber de terem levado apenas aqueles dois.

Acabei fazendo amizade com um homem que me parecia bom e que também não entendia o porquê de nós dois estarmos ali. Passamos a vida sendo bons e só cometemos crimes sem relevância. Ajudávamos um ao outro e, enquanto um ia até o buraco para respirar um pouco, o outro ficava vigiando para que ninguém nos tirasse dali, já que parecia que éramos os mais fortes; os outros estavam bem fracos. Havia homens e mulheres em um sofrimento enorme, dores que não abrandavam, sede, fome, um cheiro horrível, uma verdadeira tristeza.

Em determinado momento, estávamos próximos ao buraco e os guardas chegaram novamente. Eles nos pegaram sem dizer uma única palavra, nos levando enquanto apenas grunhiam como animais.

Fomos levados a uma sala onde um ser horripilante estava sentado numa cadeira que parecia um trono. Os guardas nos jogaram no chão e nos ameaçaram com chicotes. Ficamos ali com muito medo, pois não sabíamos o que poderia acontecer, até que o poderoso resolveu falar:

- Escravos, agora vocês vão ter um pouco mais de liberdade, mas serão

vigiados. Se não trabalharem voltarão para aquele lugar onde estavam. Vocês irão ajudar na preparação dos nossos alimentos e das nossas bebidas, e nem pensem em fugir, porque vamos colocar em vocês chips de localização. Se saírem do raio da nossa cidade, seremos avisados imediatamente, em seguida e pegaremos vocês. Agora vão e façam o trabalho bem feito.

Os soldados nos levaram até uma pessoa que tinha forma de gente humana ainda, era igual a nós, mas parecia um doutor, usava um jaleco, como se fosse um médico num hospital.

Pedi para que nos deitássemos em uma pedra lapidada que parecia uma cama. Os soldados nos vigiavam da entrada daquela sala, então deitamos sem questionar. Ele pegou duas pulseiras que pareciam ser feitas de couro e as colocou nos nossos braços, dizendo que eram os chips de localização. Olhei para aquilo e vi que não tinha jeito de tirar do braço, já que ela não tinha um fecho que pudesse ser aberto. O homem me viu olhando a pulseira e explicou:

- Escravos, essa pulseira é magnética, só eu e os chefes deste lugar podemos tirá-las. Vocês nunca vão conseguir se livrar delas. Agora podem ir. - Fez sinal aos soldados para nos levarem.

Seguimos pelos labirintos escuros até chegarmos a uma grande sala onde havia vários outros soldados, iguais àqueles que nos vigiavam, e várias pessoas trabalhando. Elas estavam mexendo em caldeirões, fazendo aquela comida horrível que comíamos de vez em quando.

Achei que ao menos ali encontraríamos água, mas não! O que tinha para beber era aquele mesmo líquido lodoso que bebíamos enquanto estávamos presos naquela sala. Somente os chefes e seus subordinados mais próximos tinham acesso a água, nós não podíamos nem chegar perto, e logo os soldados nos afastavam do lugar onde ela era armazenada. Percebi que ainda assim, era uma água muito suja, mas era muito melhor que aquela bebida lodosa.

Tinha também uma bebida que era feita de uma planta, com a mesma aparência de lodo negro, mas era fermentada e, por isso, tornava-se alcoólica.

Trabalhava tanto naquele lugar que não tinha nem pensamentos mais, nem lembrava que um dia havia formado uma família e tinha sido, até certo ponto, uma pessoa boa.

O tempo foi passando sem que eu percebesse. Já não sabia quando era noite ou dia, pois tudo era escuro, iluminando-se apenas com as tochas que ficavam acesas e nunca se apagavam. Eu não fazia ideia do que mantinha aquele fogo aceso o tempo todo.

Nós fazíamos pequenas pausas entre um trabalho e outro, e foi numa dessas horas de descanso que me lembrei da minha querida Amália. Como era linda! Meu peito doeu, mas de forma diferente. Era a dor da saudade, o que me levou a lembrar também das minhas filhas. Quanta saudade eu sentia! Onde estariam elas? Será que estavam num lugar como o meu? Afastei aquele pensamento, pois não poderiam estar na mesma situação. Elas foram pessoas melhores que eu e deveriam estar no céu acompanhadas de anjos. Ah, quanta saudade!

Eu estava sentado no pé de uma árvore seca que ficava bem na entrada da caverna, mas era sempre vigiado por soldados acompanhados de seus mais ferozes cães. Foi pensando em minha amada que meu coração experimentou uma nova sensação, um alívio das dores, então, resolvi fazer uma oração pela minha esposa e minhas filhas. Rezei o Pai Nosso, pois era a única oração que conhecia. Mal havia terminado e um clarão, como se fosse um raio descendo do alto, surgiu à minha frente, quase me cegando. Daquele clarão saiu quem eu menos esperava ver, minha querida Amália, que estendia as mãos me chamando, como se quisesse me carregar em seu colo.

Mas como ia sair dali? Estava preso naquele lugar. Olhei ao meu redor e percebi que os soldados não estavam mais ali, tinham se afastado, acho que

com medo daquela luz intensa. Foi então que escutei a voz de minha amada:

- Meu querido Antônio, venha comigo, vamos sair daqui, vamos ver nossas filhas.

- Ai, Amália, quantas saudades! Como senti sua falta! Quero ir sim com você, mas não sei como saio daqui.

- Não se preocupe com isso, meu querido, somente segure em minhas mãos, nós vamos lhe tirar daqui. A sua prece sincera permitiu a sua libertação deste local.

E assim fiz. Segurei em suas mãos e, de repente, apaguei, entrei em sono profundo.

Acordei assustado, não entendendo nada. Olhei ao meu lado e vi várias camas, com pacientes como eu. Onde estaria? Não me lembrava de nada. Como fui parar naquele hospital? Comecei a chamar, a gritar:

- Alguém aqui? Eu quero saber onde estou, por favor, alguém me explique.

Continuava ali deitado porque não conseguia me levantar. Eu estava preso naquela cama e pensei que, talvez, prendessem as pessoas que eram resgatadas justamente porque, quando acordavam, não se lembravam de nada.

Aproximou-se uma pessoa vestida totalmente de branco, trazendo um copo de água. Me senti extasiado, pois há muito tempo não via nem ingeria uma água tão limpa. Olhando para mim, me disse:

- Meu caro amigo Antônio, como está? Trouxe água e um remédio para aliviar as suas dores, parece que você está meio confuso!

- Estou mesmo, mas antes me dê essa água porque a minha sede é enorme, faz muito tempo que não bebo uma água dessa.

Então a enfermeira colocou o copo em minha boca, e eu bebi a água num

só gole. Instantaneamente, aquela água me fez sentir tranquilidade e uma certa moleza. Acabei dormindo novamente.

Quando acordei novamente, estava um pouco mais calmo. Tinha a impressão de que pela minha mente, havia passado um filme com todas as minhas vidas, a última e as demais. Tudo era uma grande confusão.

Quando a enfermeira chegou, pedi explicações sobre como havia chegado até ali e onde estava minha família. Comecei a fazer várias perguntas, e ela, com toda a tranquilidade, me disse:

- Acalma-se, meu amigo. Na hora certa você irá entender o que aconteceu. Por enquanto, você ainda precisa de tratamento, precisa curar as mazelas que trouxe consigo. Logo, logo estará melhor, confie em nosso Mestre Jesus.

Silenciando-se, deu-me novamente água e um remédio e aplicou passes por todo o meu corpo. Mais uma vez, fui adormecendo, até que apaguei novamente.

Acordava cada vez mais tranquilo, parece que ia compreendendo que havia morrido e estava num lugar bom, pois ninguém me fazia mal ali.

Um certo dia, logo que acordei, vi que junto com a enfermeira, aproximava-se um senhor já idoso que transmitia muita calma, uma paz que nunca havia sentido antes. Chegou, colocou a sua mão em minha frente e me disse:

- Caro Antônio, vim aqui hoje para me apresentar a você. Espero que possamos criar uma intimidade, pois serei seu guia aqui no plano espiritual. Serei eu quem ficará com você de agora em diante. Irei lhe apresentar a colônia em que estamos e você poderá trabalhar, estudar e muito mais, sempre com muita disciplina e moral.

- Quem é você?

- Sou um amigo outras vidas. Vivemos juntos no passado e você me ajudou muito.

- Vida passada?

- Sim, uma outra vida, muito antes dessa última encarnação que você viveu. Futuramente, irei lhe contar tudo, mas agora quero que descanse mais um pouco. A partir de amanhã poderemos sair do hospital durante um período apenas, pois ainda precisa continuar o seu tratamento. Fique tranquilo e repouse, porque, amanhã, estarei aqui novamente.

- Mas como devo lhe chamar?

- Calma, meu amigo, tudo tem sua hora. Amanhã, lhe contarei meu nome e muito mais. Agora, descanse, fique em paz. Tenho que ir.

- Está bom. Amanhã estarei lhe aguardando ansiosamente.

- Fique com Deus, meu amigo.

Foram embora ele e a enfermeira. Fiquei eufórico o resto do dia e não consegui dormir um minuto sequer. Fiquei pensando nas coisas que aquele senhor havia me dito. Quem seria ele? Como poderíamos ter vivido juntos em outra vida? Os pensamentos pareciam um furacão na minha cabeça.

Quando a enfermeira apareceu, me olhou e logo me disse para ficar calmo:

- Tenha paciência, Sr. Antônio, o dia de amanhã está próximo. Tenha calma, pois quanto mais desespero e pressa, mais o tempo demora a passar. Vou lhe aplicar um passe e depois, tome esta sopa que lhe trouxe, pois lhe fará bem e te ajudará a descansar até chegar o grande dia. Agora, mentalize o nosso Mestre Jesus.

A enfermeira então começou a aplicar o passe sobre minha fronte, e fui me acalmando vagarosamente, até que pareci entrar em transe.

- Pronto, Antônio, pode tomar sua sopa e volte a repousar, pois tem que estar bem-disposto para amanhã.

Tomei a sopa em silêncio. Aquele alimento me fortificava. Embora fosse muito rala, devia ter muitas vitaminas, pois assim que eu terminava de tomar, sempre me sentia muito disposto. Permaneci deitado até que adormeci novamente.



CAPÍTULO 7 - O DIA SEGUINTE

Acordei pela manhã e logo a enfermeira adentrou à sala acompanhada por outras pessoas que também me auxiliaram. Ela aproximou-se trazendo meu alimento matinal.

- Bom dia. Como passou a noite, Antônio?

- Graças a Deus, consegui dormir bem, mas não via a hora de chegar hoje. Hoje é o grande dia para mim, entende?

- Claro que entendo, pois também fico ansiosa por você. Todos nós queremos que vocês se recuperem o mais rápido possível, assim, podem ajudar aos outros irmãos que também necessitam de muita ajuda. Eu já passei pelo mesmo que passa agora, e olhe, nesse momento eu os auxilio. Mas saiba que eu também fui muito ajudada.

- Você também?

- Sim, claro! Todos nós cometemos erros enquanto encarnados, e pagamos por eles, não é mesmo? Mas fique tranquilo, logo seu amigo estará aqui.

Não demorou, olhei para o lado e vi que aquele senhor havia chegado. Ele estava totalmente vestido de branco e transmitia uma paz impressionante, que não chegava nem perto do que eu me lembrava de ter sentido um dia.

- Bom dia, meu amigo. Como passou a noite?

- Ansioso, muito ansioso; quase não consegui dormir à espera deste momento.

- Calma, meu amigo, tudo tem a sua hora! É natural que tenha ficado ansioso, mas agora se prepare porque vamos sair um pouco. Quero que conheça o lugar onde iremos morar por um tempo.

- Nem sei como me aprontar. Posso sair assim mesmo, com essa roupa que estou?

- Sim, pode, meu amigo. Aqui os trajes são o que menos importa para nós.

- Eu sei, é que parece um pijama, nunca usei roupa assim.

Dando um breve sorriso, o irmão voltou a me dizer:

- Se preferir, podemos arrumar outra roupa para que se sinta mais à vontade. Feche seus olhos e imagine uma roupa que gostaria de estar usando.

Eu então pensei na única troca de roupa boa que tinha quando encarnado, e lá estava eu vestido com ela. Como isso era possível? Fiquei impressionado e resolvi perguntar seu nome, já que ele havia me dito que, naquela manhã, se apresentaria.

- Caro amigo, ontem me disse que ia me explicar tudo e ia me dizer seu nome para que eu pudesse me lembrar de você. Por favor, me diga.

Sorrindo, ele disse:

- Meu amigo Antônio, continua ansioso! Meu nome é Abílio, vivemos juntos numa encarnação passada. Éramos irmãos. Faça um esforço que se lembrará. Nós vivíamos numa aldeia que ficava em volta de um castelo, na Europa. Éramos camponeses, trabalhávamos na terra, produzíamos alimento para a corte. Lembra-se?

- Abílio, parece que esse nome não me é estranho mesmo, agora estou me

lembrando. Vivíamos naquela vila junto com outros irmãos e nossos pais. Nossa! Mas que coisa ruim veio em minha mente agora! Parece que cometi vários crimes lá, matava as mulheres. É isso mesmo, Abílio?

- Infelizmente, é, meu irmão, mas isso já passou e você já até pagou por esses crimes. Restaram apenas alguns que em breve poderão ser resgatados. Mas agora não é hora de se apegar a essas lembranças, meu irmão! Vamos, levante a cabeça e vamos dar uma volta pela cidade.

- Nossa! Que coisa horrível senti agora! Vi-me novamente naquele lugar onde fui resgatado, me vi como escravo de novo.

- Deixe esses pensamentos para depois. Vamos, pois não podemos demorar para voltar.

Seguimos para fora do hospital onde eu estava. Agora podia ver que era um prédio enorme, algo que nunca antes eu havia visto. A construção era divina. Continuamos andando e percebi que a cidade era grande, mas não tinha aquele barulho comum às grandes cidades da Terra. Todos andavam com tranquilidade.

Paramos em uma praça, onde algumas centenas de pessoas estavam sentadas ouvindo música, enquanto outras assistiam à uma palestra. Ali ficamos por algum tempo, escutando aquela música tranquilizadora, e, então, Abílio começou a falar:

- Meu irmão, estive à sua procura por muito tempo, pois como você sabe, temos que resgatar alguns compromissos, e eu estou disposto a lhe ajudar nesta evolução que temos que alcançar juntos. Infelizmente, você praticou alguns atos nesta última existência, que precisarão também ser resgatados, mas para isso, haverá o tempo certo. Algo que deve ter passado pela sua cabeça é onde se encontra sua família, sua esposa e suas filhas, né?

- Ah, meu irmão, pode ter certeza, isso é o que eu mais quero saber, pois

tenho muitas saudades das minhas filhas e da minha mulher.

- Caro Antônio, logo, logo poderá reencontrá-las. Mas é preciso que esteja totalmente curado e devidamente capacitado para suportar fortes emoções.

- Mas tudo tem que ser devagar aqui?

- Sim, meu irmão, tudo aqui tem seu tempo. Isso serve para que não caiamos novamente. Para não sucumbirmos temos que estar preparados, pois as emoções mexem muito com a gente. Precisamos ter equilíbrio e merecimento também.

- Não entendo muito disso, sou leigo nestes assuntos. Quando estava encarnado, não tive preparo algum, já que era uma pessoa muito pobre e não tive a oportunidade de estudar e ter essa educação que vocês têm.

- Que isso, meu irmão!? Somos eternos. Você logo se lembrará de tudo e assim vai poder enfrentar melhor as adversidades que poderão surgir.

- É, meu amigo, se é que posso lhe chamar assim.

- Claro que pode! Somos amigos de outras vidas.

- Você me pede para ter paciência, mas é muito difícil entender algumas coisas. Por exemplo, como vim parar aqui? Como fui parar naquele lugar horrível? Onde está minha família? São muitas as dúvidas e fico quase louco só de pensar nesses assuntos.

- Calma, calma, mais uma vez lhe peço paciência. Você vai entender tudo o que aconteceu, mas tem que estar totalmente curado para não entrar em conflito consigo mesmo.

Fiquei em silêncio e continuamos a caminhar. Fomos até um prédio enorme, todo de vidro. Era maravilhoso, eu nunca tinha visto algo como aquilo antes, parecia que era feito por Deus, porque acho que o homem nunca

conseguiria criar aquela obra. Lendo meus pensamentos, Abílio disse:

- Esse prédio foi construído pelos homens já em um estado de elevação maior do que no encontramos.

- Como é possível?

- É o poder que Deus nos deu e, se usarmos esse poder para o bem, poderemos desenvolver muitas outras coisas que nem podemos imaginar ainda.

- O que se faz aqui nesse prédio, Abílio?

- Aqui é uma escola para irmãos que irão encarnar novamente. Aqui aprendem o que precisam saber para seguir o fluxo da reencarnação. São transformados em crianças, até que se tornem bebês, quando estarão prontos para encarnar. É chamado de Ministério da Reencarnação. É maravilhoso, não é?

- E como é maravilhoso! Não tinha visto nada igual a isto. Então, quando chegar o dia em que eu for nascer de novo, vou vir para cá?

- Sim, meu amigo, todos que reencarnam passam pelo Ministério da Reencarnação e, logo, logo você poderá nascer novamente no planeta, mas vai depender somente de você, isto é, de nós, porque nasceremos juntos.

- Juntos, como irmãos gêmeos?

- Se for permitido, seremos irmãos gêmeos.

- Que bom! Pelo menos, sei que não enfrentarei tudo isso sozinho. Dá muito medo de voltar à Terra novamente e lá me desviar, cometer atrocidades, falhar .

- Não pense assim! Para que reencarnemos, passaremos por um período de estudo e tratamento, para que possamos suportar tudo de novo.

Paramos na sombra de uma árvore frondosa, enorme, onde a brisa fresca

soprava sobre nossos rostos refazendo nossas energias. Parecia que aquela brisa tinha remédios curadores da alma.

Já era quase de tarde, quando Abílio me chamou:

- Vamos, Antônio, agora temos que voltar para o hospital, pois você precisa receber o seu tratamento diário. Amanhã, se estiver disposto, poderemos continuar nossa excursão na colônia e pretendo lhe mostrar onde iremos estudar e onde nos alojaremos quando deixarmos o hospital. Iremos a muitos lugares que preciso lhe mostrar.

- Claro que estarei disposto, meu amigo, quero conhecer tudo. Quero ficar bom logo, para poder rever minha família.

- Que bom, meu amigo! Como é bom vê-lo animado assim!

- Apesar de estar um pouco fraco, continuo animado sim.

- Então vamos voltar. Não posso deixar você ficar mais fraco, vamos.

E seguimos por aqueles caminhos cheios de flores, lagos, onde se encontravam várias pessoas reunidas em grupos, assistindo palestras, ouvindo músicas. Era tudo muito bonito.

Estávamos quase chegando ao hospital, quando o tempo em que passei naquele lugar escuro como escravo, voltou à minha mente. Consequentemente, senti minhas dores aumentarem e, Abílio, percebendo o que acontecia, me disse:

- Meu amigo, pare de pensar nisso que está pensando, porque só lhe prejudica. Mentalize novamente os lugares maravilhosos que conheceu hoje, que lhe fizeram sentir animado e lute contra esses pensamentos.

Mais do que depressa, voltei a olhar ao meu redor e a admirar aquela natureza esplêndida, e logo minhas dores melhoraram.

Chegamos ao hospital e fui recebido pela enfermeira que cuidava de

mim. Lá estava ela, toda sorridente, me aguardando.

- Até que enfim, hein, Sr. Antônio!? Achei que não ia voltar mais hoje. - Disse ela em tom de brincadeira.

- Não vou mentir, enfermeira, com esse lugar maravilhoso, não tive vontade de voltar mesmo. Senão fosse o meu amigo para me lembrar que tínhamos que voltar, ia ficar lá para sempre. - Falei sorrindo também.

Seguimos para o quarto onde eu ficava junto com os outros irmãos também enfermos. Ela me levou até um banheiro e me entregou roupas limpas. Tomar um banho me fortaleceu ainda mais e, logo voltei ao meu leito, onde já me esperava a minha sopa. Comi com muita vontade, pois estava com fome. Eu havia andado durante todo o dia e não havia comido nada, aliás, nem fome havia sentido, porque o que havia presenciado tinha me deixado eufórico. Nem lembrei de comer ou beber.

Após a refeição, a enfermeira voltou ao meu leito e me aplicou o passe, que parecia uma dádiva de Deus, fazendo desaparecerem as dores. Adormeci lentamente, até que cai em sono profundo. Estava muito cansado, pois há tempos não caminhava tanto.



CAPÍTULO 08 -

AS LEMBRANÇAS

Tive uma noite como há tempos não tinha. Repousei serenamente, sem lembranças, sem sonhos. Finalmente eu conseguira descansar. Logo cedo, lá estava a enfermeira pronta para a aplicação dos passes curadores.

- Bom dia, parece que o senhor hoje está mais tranquilo, mais sereno. Como passou a noite?

- Muito bem! Graças a Deus e a vocês, estou muito bem.

- Vamos nos concentrar na sua cura agora, porque vim lhe aplicar o passe e logo seu amigo estará aqui.

Me concentrei pedindo a Deus a cura de todas as mazelas das quais eu sofria. Terminado o passe, bebi a água e os remédios que a enfermeira me dava, tomei minha sopa e fiquei esperando meu amigo.

Nesse momento, lembranças começaram a voltar à minha mente. Me lembrei da vida que vivi junto a Abílio, onde fomos irmãos. Não nos entendíamos, éramos brigados e além de tudo isso, recordei-me que eu havia mexido com uma de suas filhas. Ele não me matou naquela ocasião, porque nós éramos irmãos, mas mudou-se da vila em que morávamos, e nunca mais o vi. Até um dia em que nos reencontramos na corte, onde íamos vender nossos produtos. Ali tivemos uma discussão muito acalorada e eu tirei sua vida, pois senti medo que ele tirasse a minha. Agi por antecipação a uma atitude que eu nem sabia se ocorreria e, mais uma vez, cometi enorme erro.

Não demorou para que eu enlouquesses. Comecei a ouvir vozes e cometi suicídio. Logo parei para pensar no por que de eu ser reincidente nessa questão do suicídio. Por que havia feito tudo aquilo? Aquelas lembranças me desequilibravam e comecei a ter outras visões. Via os assassinos das minhas filhas na última existência. Percebi que eles me procuravam e, novamente, vi o crime que cometi, assassinando os dois. Minhas dúvidas só aumentavam. Por que havia feito tanto mal? Estava suando frio e, a enfermeira, percebendo meu estado, logo se aproximou:

- Sr. Antônio, o que está acontecendo? O senhor está bem?

- Não, não, eu não quero lembrar mais de nada.

- Calma, Sr. Antônio, calma. Essas lembranças são necessárias, o senhor tem que saber tudo para poder, um dia, resgatar com dignidade o seu passado.

- É, mas está muito difícil saber que fui um assassino em várias existências e, também, um aliciador de meninas pequenas e indefesas.

- Calma, tudo vai ser explicado, meu amigo.

Quando olhei vi que era Abílio que havia chegado. Ele e a enfermeira, então, me aplicaram um passe.

- Oh, meu irmão! Se assim posso lhe chamar.

- Claro que pode! Seremos sempre uma família, pois somos filhos de um mesmo Pai, nosso Deus.

- Que vergonha estou sentindo! Como pode, depois de tudo o que fiz com você, ainda me querer bem?

- Meu irmão, é porque descobri que só com o amor a gente pode evoluir. E fique tranquilo, pois fomos desafetos em vidas mais antigas ainda, lhe prejudiquei também. Por isso, não se sinta o único culpado de toda essa história. No momento em que você estiver mais preparado, mais forte para

entender todos os acontecimentos, irei lhe mostrar mais coisas.

- Pode falar, estou pronto.

- Não, ainda não. Vamos aguardar por mais um tempinho, assim você poderá assimilar com mais calma e amor as nossas passagens.

- Mas assim vou ficar ainda mais ansioso, vou ficar lhe importunando até você me contar.

- Vamos, você já está pronto para sairmos novamente. Hoje vou levar-lhe ao albergue onde nos alojaremos quando sair deste hospital. Lá não é tão aconchegante e luxuoso como aqui, mas com certeza é muito mais do que merecemos. É um lugar tranquilo, onde a paz envolve todos os moradores.

- Então vamos, já estou pronto. - Fiquei em pé num só pulo.

Saímos a andar novamente só que, dessa vez, seguimos outro caminho. Andamos entre moradias, no que parecia um bairro de uma cidadezinha. As casas eram pequenas, mas tinha uma beleza que eu não consigo narrar. Cada uma delas deixava transparecer a energia de seus moradores.

Perguntei então ao meu novo e antigo irmão:

- Abílio, por que nós não temos uma casa dessa? Não temos dinheiro para comprar uma?

Sorrindo, Abílio me respondeu:

- Antônio, aqui é diferente. Essas casas não são compradas pelo dinheiro, mas sim pela quantidade de caridade, de amor e de trabalho no bem, tanto o que fazemos aqui quando o que fazemos quando estamos encarnados.

- Como assim? Então essas pessoas que moram aí são só pessoas que fizeram o bem?

- Também, meu irmão! Um dia essas pessoas também fizeram coisas más,

falharam, mas já se redimiram e conquistaram seu canto aqui nessa colônia. Mas esse assunto é bastante complexo e, mais tarde, explico tudo a você.

- Minha curiosidade é muito grande, quero saber tudo ao mesmo tempo, não é?

- É natural que isso aconteça porque, até entendermos tudo o que aconteceu com a gente, ficamos assim.

Continuamos caminhando até chegar a um prédio enorme. Notei, assim, que todas as construções, ali, eram grandes, com prédios muito altos. Seria naquele local onde ficaríamos após eu receber alta do hospital. Era composto por dormitórios e salas enormes, onde havia muitas pessoas conversando. Tudo era muito claro e limpo e em nada se assemelhava com os albergues que existem na Terra. Tudo estava em ordem e havia muita disciplina.

Abílio me levou aos quartos e vi como seria a minha nova casa. Me senti muito animado, pois por mais que o hospital fosse um lugar bom, era um hospital, lugar de pessoas doentes. Percorremos todo o prédio, conversamos com os responsáveis pela nossa vinda e tudo já estava arrumado aguardando nossa chegada.

A convite de dona Lúcia, uma das responsáveis pelo albergue, tomamos uma sopa maravilhosa, mais encorpada do que a do hospital. Ao terminarmos, fomos a uma sala onde um irmão palestrava para uma plateia de mais ou menos quarenta pessoas. Nos unimos a elas e percebi que o tema era reencarnação. Durou uma hora, aproximadamente, mas valeu quase por uma vida inteira, porque meu aproveitamento e meu aprendizado foram enormes.

E assim nos despedimos da dona Lúcia e fomos andar mais um pouco para conhecer a colônia. Chegamos a uma praça onde se ouvia uma música muito tranquilizadora. Sentamos no gramado, debaixo de uma árvore, e, então, comecei a questionar Abílio:

- Meu irmão, você podia me explicar, tirar minhas dúvidas! Eu gostaria de entender o porquê desses acontecimentos, dos crimes que cometi, dos suicídios que pratiquei, da minha família. Por favor, tire minhas dúvidas.

- Está bem! Não vai ter mesmo jeito de adiar essa conversa. Mas iremos por partes, e começarei com a encarnação em que vivemos juntos. Quando nós vivemos como irmãos, havíamos encarnado para resgatar uma dívida em comum, mas não foi possível por conta dos acontecimentos e caminhos que seguimos. Quando você cometeu o crime contra mim, revoltei-me e queria me vingar. Entretanto, fui resgatado no Umbral por nossa avó e fui recebido no plano espiritual em uma colônia espiritual onde fui tratado e pude aprender muitas coisas. Perdoei você e, por este motivo, estamos juntos novamente. Se conseguir se lembrar, depois do seu desencarne, você ficou vagando por muito tempo, até que foi socorrido. Consegue se lembrar de alguma coisa?

- Não, não me lembro de nada, mas essa história não me é estranha.

- Com o tempo, você vai se lembrar de tudo. Tivemos outras vidas em que vivemos separados, e foi só nessa última encarnação que foi possível viver junto com você.

- Como assim? Não me lembro de você nesta última encarnação.

- Não vai se lembrar mesmo, pois não estava revestido com esse corpo. Eu fui uma de suas filhas, a mais nova.

- Como?

- Calma, Antônio! Apresentei-me assim para não lhe provocar fortes emoções e tranquiliza-lo. Se você se lembrasse dos acontecimentos instantaneamente, isso iria prejudicar muito seu tratamento aqui.

- Mas como isso é possível?

- Aqui, meu irmão, ou meu pai, a gente mantém a forma, a vestimenta

que quisermos, desde que seja permitido pela Espiritualidade maior.

- Como posso acreditar nisso?

- Todos nós podemos moldar o nosso corpo espiritual. Agora me apresento como Abílio, mas, se eu quiser, posso me apresentar na forma de minha última encarnação. Foi necessário que eu me apresentasse como estou, foi o melhor a ser feito. Eu vivi como sua filha na última encarnação para que você sentisse mais amor por mim, para que o gostar fosse mais fácil.

- Mas não adiantou muito, porque tiraram sua vida e nem pude ver você crescer.

- Sim, meu irmão, tiraram minha vida, mas tudo aconteceu com a permissão de Deus. Esta foi a melhor forma de fazê-lo sentir a verdadeira dor da perda. Perder um filho é uma dor inenarrável, não é?

- E como! Até hoje sofro pela falta das minhas filhas.

- Pois é! Esse acontecimento só foi permitido porque você, meu irmão, tinha que resgatar dívidas de vidas anteriores. Lembra-se que, em outras vidas, abusou de meninas?

- Vagamente. Lembro-me mais claramente desta última existência, em que abusei de uma menina, mas me arrependi. Foi um momento de loucura, escutava vozes que me incitavam a cometer esse tipo de crime.

- Mas agora, com certeza, nós iremos conseguir. Juntos resgataremos nossas diferenças! Vamos nos dedicar ao estudo até estarmos realmente prontos para enfrentar uma nova existência e, finalmente, quitar nossas dívidas com o passado. Mas, voltando ao que estava lhe contando, os assassinos que mataram suas filhas e de quem depois você tirou as vidas, também estavam ligados a nós por outras vidas. Quando éramos irmãos, matamos a família de um deles para podermos tomar as terras deles e, até hoje, esse assunto não foi resgatado por nenhum de nós. Somos culpados por esse ódio também. Eles estão vivendo

num lugar muito abaixo dessa colônia, onde você esteve logo após seu desencarne. Lembra-se?

- Como poderia esquecer aquele lugar? Sofri muito, fui escravizado, e as imagens do lugar e deles, quando vieram me receber, são claras em minha mente.

- Antônio, precisamos perdoá-los, mesmo que eles não nos perdoem. Quando você desencarnou, só foi encontrado por eles porque estava ligado mentalmente ao ódio que sentia. Eles estavam a sua espera, atormentaram a sua vida e fizeram com que você sucumbisse tanto quando atacou aquela menina, quanto com o suicídio que cometeu.

- Então foram eles que me incentivaram? As vozes que ficavam em minha mente eram deles?

- Sim, meu irmão, vocês mantinham uma afinidade muito grande. Mas é chegada a hora do perdão, pois, caso contrário, você pode ter momentos difíceis com eles novamente. Precisamos nos libertar deste pesado fardo.

- Mas é difícil parar de pensar neles. De vez em quando eles voltam em minha memória.

- Isso é fruto da afinidade que ainda mantém com eles. Será com a mudança de hábitos, com os estudos, com a prática da caridade e com o trabalho no bem que, logo, logo tudo isso ficará no lugar de vagas lembranças.

- Tomara.

- Continuando, quando desencarnei junto com minha irmã, fomos recebidas por irmãos que nos protegeram e nos ofereceram tratamento, até que foi possível que compreendêssemos tudo.

- E onde está sua irmã?

- Calma, ela está com a mamãe. – Abílio disse já com voz feminina,

tomando a forma da pequena menina.

Quase desmaiei quando vi minha filha à minha frente. Dei-lhe um abraço apertado e mal conseguia falar, tamanha a emoção. Beije-a e lhe dei carinho, dando vazão a toda minha saudade, até que consegui falar:

- Minha filha, que saudades! Você não imagina o quanto eu lhe procurei! Como queria ter vocês novamente!

- Papai, também senti muitas saudades, mas agora estamos juntos e nada vai nos separar nesse momento, tenho certeza, pois como já lhe disse, vamos nascer juntos, como irmãos gêmeos.

- Mas, e Abílio?

- Somos a mesma pessoa, um só espírito em encarnações diferentes. A Espiritualidade maior achou melhor eu me apresentar como Abílio, seu irmão, para que não se emocionasse tanto. Naquele momento você não estava preparado para este encontro, mas, agora que está mais forte e compreendendo com mais facilidade, me foi permitido voltar a me apresentar como sua filha.

- Conte-me como está sua irmã e sua mãe. Onde elas estão? Não estou aguentando de saudades delas!

- Elas estão bem, papai. Mamãe está em uma outra colônia trabalhando num hospital. Ela auxilia os doentes da alma atendendo-os com amor. Minha irmã está junto com ela na mesma colônia, estudando e sendo preparada para nova encarnação. Fique tranquilo que, assim que for permitido, elas poderão vir lhe ver. Agora temos que voltar ao hospital, já é tarde.

- Ah, não! Gostaria de ficar com você para matar mais a saudade que sentia.

- Você vai ficar comigo, papai, mas amanhã, quando voltar para lhe ver logo cedo. Estarei novamente com a aparência de Abílio, pois terá alta do

hospital e iremos para o albergue. Preciso me apresentar dessa forma.

- Não sei se consigo entender.

Cheguei ao hospital e a enfermeira já me aguardava, como fazia todos os dias. Fui levado até meu leito, onde ela aplicou o passe e deu-me os remédios. Dessa vez me deu um calmante, eu acredito, pois assim que terminei de comer minha sopa, adormeci instantaneamente.



CAPÍTULO 09 - INICIANDO OS ESTUDOS

De manhã, a enfermeira trouxe aqueles que seriam meus últimos remédios. Aplicou-me o último passe e disse que, caso eu precisasse, caso passasse mal, poderia voltar que sempre seria atendido. Entretanto, ainda assim advertiu-me que precisava manter meu equilíbrio emocional e mental, ter bons pensamentos e não cultivar lembranças ruins do passado. Disse-me que era preciso muita disciplina e que me mantivesse em oração pela manhã e à noite, antes de repousar, pois minha mente precisava estar sempre equilibrada.

Escutei as orientações atentamente e agradei a todos ali com quem fizera amizade, pois haviam me acolhido e curado, trazendo-me de volta à minha realidade. Nesse instante, chegou Abílio, sorrindo e transparecendo alegria pelos olhos:

- Bom dia, meu irmão. Está pronto para a nova vida? A partir de hoje, tudo será diferente! Acabaram-se os dias de angústias, de dores, e de pouco conhecimento. De agora em diante, iremos estudar para evoluirmos cada vez mais.

- Bom dia. Que alegria ver você aqui novamente! Como é boa a sua presença! Estou eufórico, ansioso para iniciar essa nova etapa.

- Então vamos, pois, que hoje mesmo iniciaremos os estudos naquela maravilhosa escola onde fomos passear nos últimos dias.

Assim deixamos o hospital muito felizes. Eu pensava que, ao mesmo

tempo, estava com meu irmão, com quem eu nem imaginava ter tanta afinidade, e com minha filha, minha querida filha, que eu amava tanto!

Chegamos no imenso prédio onde iríamos nos alojar. Entramos e fomos até a ala onde ficaríamos. O tutor que nos recebeu apresentou nosso quarto, o refeitório, os trabalhos e quais eram os horários que precisávamos seguir com disciplina. Ali existiam regras que precisavam ser seguidas, e não questionamos nenhuma delas, apenas ouvimos com atenção e nos prontificamos a auxiliar no que fosse necessário.

O nosso quarto tinha duas camas cobertas com lençóis alvos, límpidos e muito cheirosos. Da janela entrava uma brisa fresca e, através dela, podíamos ver as praças, prédios e os ministérios, e tudo era muito bonito. Estávamos nos últimos andares, e isso tornava a vista ainda mais linda. No canto do quarto havia uma tina feita de barro, com água fresca, o que me fez lembrar de minha morada na última existência. Tudo ali passava tranquilidade e era de uma beleza que eu mal consigo explicar.

Meu irmão fitava-me como se estivesse lendo meus pensamentos, e me disse:

- Antônio, que bênção nos foi dada! Foi permitido que morássemos juntos durante nossa passagem por essa colônia. Após o almoço de hoje iremos para o departamento dos suicidas a fim de iniciarmos nosso estudo. Lá teremos maiores explicações e entenderemos o porquê desses atos. Mas peço, meu irmão, que não fique apreensivo.

- Sempre que esse assunto vem à tona sinto muita vergonha. Falhei várias vezes e tenho muito medo de repetir esse erro.

- Não se preocupe, pois é por isso mesmo que iremos até este departamento. Lá seremos orientados sobre como lidar com essa situação, como controlar essa vontade que volta sempre com força em nossas mentes

quando estamos encarnados.

- Da forma que fala, meu irmão, parece até que você também cometeu suicídio.

- Falo desta maneira, porque vou lhe acompanhar nesse estudo, ou melhor dizendo, nesse tratamento! Eu não cometi suicídio, mas ajudei a causar danos a outros que o cometeram. Sou culpado da mesma forma, compreende?

- Mais ou menos, já que isso ainda é confuso para mim. Há muitas coisas que não consigo compreender. Você me entende?

- Sim, meu irmão, isso é natural” Mais uma vez lhe digo que é exatamente por isso que precisamos passar por esse e outros tantos estudos durante nosso tratamento.

Balançando a cabeça, sinalizei que havia entendido.

Fomos para o refeitório que ficava em nosso andar. Era enorme e cabia muitas pessoas. Nos sentamos numa mesa onde já estava nosso alimento, que rapidamente refez nossas energias. Comemos bem rápido, pois estávamos ansiosos para nosso primeiro dia de estudo.

Terminada a refeição, seguimos em direção ao prédio onde iríamos estudar. Entramos e fomos recebidos por Antônia, uma senhora muito discreta e recatada, que nos recebeu com tanta alegria, que parecia até que estava nos aguardando há algum tempo. Ela segurava duas pastas com nossos nomes, que continham todas as informações sobre nossas vidas.

Adentramos o prédio e chegamos a uma pequena sala onde só havia três lugares. Estranhei, pois eu imaginava que seria uma escola com salas grandes, mas eu não entendia, ainda, muito bem, como funcionavam as coisas deste lado. Ao entrarmos na sala, dona Antônia explicou:

- Caros amigos, é aqui que vocês irão estudar. Vocês terão um tutor que

os ajudará e orientará nos estudos. Ele está prestes a chegar. Tudo aqui começa pontualmente, por isso, os compromissos assumidos têm que ser cumpridos. Há uma fila de espera e, caso não cumpram, estarão ocupando os lugares de muitos necessitados. Então, aproveitem o aprendizado.

Enquanto ela nos explicava, chegou um senhor de barba branca e cabelos grisalhos que foi visto rapidamente por dona Antônia:

- Ah, aqui está, sempre pontual, o nosso amigo e orientador Euclides. Boa tarde. Como está, meu amigo? - disse dona Antônia.

- Bem, seguindo os ensinamentos do Mestre, minha amiga.

- Estes dois rapazes serão seus alunos por esse período. - disse Dona Antônia, enquanto nos apresentava a Euclides.

- Boa tarde, meu nome é Antônio. Este ao meu lado é Abílio. Estamos ansiosos para o começo dos estudos.

- Boa tarde, sejam bem-vindos! Espero que consigamos alcançar nossos objetivos. Pelo jeito, estão muito ansiosos por esse novo período de suas vidas. - disse Euclides, dando-nos as boas-vindas.

- Bom, vocês já foram apresentados, agora tenho que ir, meu dever me aguarda. Bons estudos e sejam bem-vindos mais uma vez. - disse Antônia, já entregando as pastas ao orientador.

- Obrigado, dona Antônia.

- Então, amigos, vamos entrar, pois temos muito a dissertar. - disse Euclides.

Entramos e nos sentamos nos lugares que já estavam com nossos nomes gravados. Em frente às cadeiras, havia duas mesas com uma tela embutida, parecida com uma televisão. Outra tela enorme ficava mais a frente, atrás da mesa do orientador Euclides e do lado direito, tinha uma janela que dava vista

para a colônia. A visão dali era muito bonita. Assim começamos os estudos.

Os dias foram seguindo e diariamente nos dedicávamos aos estudos. As situações estavam bem mais claras para mim e eu já era capaz de entender os motivos pelos quais eu havia cometido tantos erros em outras vidas.

Além das orientações de Euclides, eu também fazia um tipo de terapia com um psicólogo, que me atendia no final dos estudos diários. Lá eu conseguia me abrir totalmente, conseguia verdadeiramente falar sobre tudo o que estava preso dentro de mim. E foi assim, estudando e me tratando, que me foi permitido ver minha esposa e minha outra filha, já que a mais nova estava sempre ao meu lado se apresentando como o meu irmão Abílio, que eu já amava tanto. Quando pensava nisso, ficava um pouco espantado. Eu amava aos dois, que ao mesmo tempo eram um único espírito. Era confuso, mas eu não demorei para compreender a situação.

O dia para o qual foi marcada a visita de minha família estava se aproximando e eu estava muito ansioso.

Mas, enquanto esse dia não chegava, continuava meus estudos diários. Já estávamos na fase de planejar nossa reencarnação futura e realmente ficou acertado que nós nasceríamos como irmãos gêmeos. Abílio seria menino e eu seria menina.

Precisávamos traçar planos para um bom renascimento e o nosso orientador Euclides nos deixava à vontade para traçar estes caminhos. Gentilmente ele nos indicava as melhores direções, mas a escolha final era sempre nossa.

Por conta dos abusos que cometi e dos vários suicídios, eu teria uma vida mais sofrida e Abílio nasceria para me ajudar no caminho árduo que teria pela frente. Eu estava disposto a passar por essas provas e resgates, pois queria ser uma pessoa melhor, alcançar degraus mais altos na escala moral.

Ficou acertado que nasceríamos em uma família pobre, com muitas necessidades. Também me propus a nascer portador de deficiência para que não houvesse maneira de cometer suicídio. Então, nosso orientador me indicou que se essa realmente fosse minha vontade, que iria pedir a permissão para que eu nascesse sem os braços, assim ficaria mais difícil cometer qualquer ato impensado. Sem pestanejar aceitei a ideia, pois era o caminho mais curto para a evolução. Eu já havia perdido encarnações demais, e não queria mais falhar, ainda mais que nessa próxima vida teria a ajuda de Abílio.

Ocupávamos nossos dias programando tais caminhos, pois nossa reencarnação estava próxima. Outro ponto acertado de minha vida futura, seria que eu engravidaria como consequência de um estupro que sofreria e receberia como filho um dos assassinos de minhas filhas na vida pretérita. Este filho, com quem eu também possuo muitos débitos, nasceria com deficiência mental e tudo seria muito difícil para mim. Me acalmava o fato de saber que meu irmão estaria ao meu lado, cuidando sempre para que eu não me desviasse do caminho. Eu tinha plena certeza de que não seria nada fácil, mas estava disposto a enfrentar tudo isso, pois precisava me redimir e seguir em frente como uma pessoa boa, como um espírito bondoso.

Os sofrimentos seriam muitos nessa vida, eu seria abusada pelo meu padrasto, de quem acabaria engravidando.

Me causava certa apreensão a existência de tantas dificuldades, mas meu orientador me explicava, com carinho, que aqueles eram os únicos meios de resgatar meu passado e me livrar das tantas mazelas que seguiam comigo. Havia uma parte boa nessa nova encarnação, e eu seria uma pessoa muito religiosa, crente e fiel a Deus e Jesus, o que iria me servir de importante amparo nas vicissitudes do caminho.

O reencontro com minha mulher e filha seria no dia seguinte, já que seria um dia de descanso das atividades. Eu não sabia em qual local ele aconteceria,

mas Abílio deixou claro que na hora certa me levaria até lá.



CAPÍTULO 10 –

TRAÇANDO PLANOS

Finalmente chegara o grande dia e, logo de manhãzinha, eu já estava todo arrumado, mas não tinha visto Abílio, que deveria ter saído muito cedo. Onde teria ido? Sem que eu esperasse muito, lá estava ele no corpo espiritual de minha pequena filha. Quando a vi, novamente minhas emoções afloraram e derramei lágrimas de alegria, pois já fazia tempo que não a via, que ele não se apresentava daquela forma.

Abracei-a com tanta força, que parecia que ia quebrá-la. A saudade era tanta! Ela, toda feliz, também me abraçou e começou a falar:

- Papai, como é bom ver o senhor assim, alegre! Precisa fazer disso um hábito diário. Eu só estou em outro corpo e o senhor precisa entender que não posso me apresentar assim, pois iria atrapalhar os seus estudos. Preciso estar com a aparência de seu irmão! Compreenda que o mais importante é que somos um só espírito e eu o amo muito e estarei ao lado por muito tempo.

- Eu sei, minha filha, mas quando a vejo, a saudade de sua mãe e sua irmã vem à tona também.

- Eu sei! Mas hoje essa saudade vai diminuir. Vamos, está na hora de ir ao encontro das duas que já estão nos aguardando na praça central. Cuide para manter seu equilíbrio, contenha suas emoções para que elas não lhe atrapalhem.

- Então, vamos logo.

- Vamos, mas como lhe pedi, tenha calma, não se afobe.

Seguimos pela rua até a praça central, onde muitos outros irmãos caminhavam, já que era dia de descanso para aqueles que estudavam e estavam em tratamento.

Meus olhos percorriam toda a praça, ansiosos por ver minha linda esposa e minha filha, que havia herdado toda a beleza da mãe. Eu caminhava de mãos dadas com minha pequena filha e observada que realmente a praça estava lotada de irmãos que, também, reencontrava, entes queridos que não residiam em nossa colônia.

De repente, as vi sentadas em um banco. Aproximamo-nos e ao chegar bem perto delas, a emoção tomou conta de mim, e caí em prantos, recebendo os abraços das três. Era um presente de Deus, impossível de descrever. Eu estava junto de minha família novamente! Devagar, fui me acalmando e pude beijá-las e abraçá-las com todo meu amor, como nunca houvera feito antes. Aquela era uma enorme oportunidade e eu precisava aproveitar cada segundo. Sentamo-nos perto um do outro e conversamos, contando tudo o que havíamos descoberto acerca das vidas passadas e os débitos adquiridos. Eu contei tudo o que havia passado após meu desencarne, meus sofrimentos, minhas dores e o meu socorro, que não esperava ter sido feito por minha própria filha.

Falaram-me que não poderiam viver ali comigo naquela colônia, pois elas precisavam também seguir os planos traçados para elas por Jesus Cristo. Aproveitei e também contei sobre minha nova existência, falei de como seria minha nova encarnação e que iria nascer como irmã gêmea daquela que tinha sido minha filha, que amorosamente se propôs a me auxiliar no resgate de dívidas anteriores.

Passamos o resto do dia juntos e muito alegres, como nunca havíamos feito antes. Eu pensava no quanto nunca me atentara ao fato de que a vida e a

família eram coisas tão boas. Quando encarnado, eu não havia aproveitado esses momentos maravilhosos, como fazia naquele instante.

A hora da despedida chegou e foi muito difícil. A saudade, instantaneamente voltou ao meu peito, mas era preciso obedecer aos desígnios daquele encontro.

Percebendo minha tristeza, elas confidenciaram que nos encontraríamos novamente, e isso me animou um pouco. Nos despedimos e senti uma dor enorme. Vi as duas desaparecerem como brisa, deixando no ar um perfume maravilhoso.

Algum tempo passou e a tão esperada hora chegou. Estávamos enfim nos encaminhando para o Ministério da Reencarnação, onde passaríamos pelo processo que nos transformaria em crianças novamente, permitindo que nosso espírito se acostumasse com o que iria acontecer.

Passou um período razoável até que nossos espíritos estivessem prontos para o renascimento.

Enquanto isso, numa cidade do interior, em uma casa muito pobre, uma mulher esperava a chegada de seus dois filhos gêmeos, o que foi detectado nos poucos exames que fizera durante a gravidez. Era uma mulher muito simples, casada com um homem sem muitos escrúpulos, que judiava e batia nela. Ele era viciado em bebidas alcoólicas e era muito agressivo. Mesmo durante a gravidez, a pobre mulher apanhou e passou por muito sofrimento. Passavam fome e muitas outras necessidades, o que não permitiu que ela fizesse um pré-natal adequado, o que inclusive nem era importante segundo acreditavam. Quando criança, aquele casal não recebera carinho de seus pais e, por isso, eram adultos descontrolados, sem quaisquer diretrizes que o fizessem seguir pela vida de forma mais tranquila. Entretanto, a mulher tinha uma fé inabalável e pedia sempre a Jesus que protegesse seus caminhos e dos filhos que iriam nascer. Ela ganhou da comunidade os enxovais necessários para os bebês,

já que nos finais de semana ela frequentava um Centro Espírita que também distribuía cestas básicas, roupas e sopa fortificante, o que lhe dava energia para seguir seus dias.

No dia esperado para a chegada dos bebês, aquela mãe sentia muita dor e chorava aguardando a chegada do marido para leva-la ao hospital. Quando finalmente ele chegou, os bebês já estavam quase nascendo e, por isso, seguiram muito depressa para o hospital.

Os bebês nasceram com atraso, o que fez com que precisassem de tratamento intensivo para recuperarem-se dos sofrimentos passados no ventre de sua mãezinha.

Eram realmente gêmeos. Um menino grande, corado e muito parecido com o pai, e uma menina, linda, mas que não tinha os membros superiores. Mas ela era tão linda que os dois “toquinhos” no lugar dos bracinhos nem chamavam tanta atenção.

Não demorou para que deixassem o hospital. As crianças dormiam no mesmo berço, pois não tinham condições de comprar dois. Para piorar a situação, o pai perdera o emprego por ter chegado bêbado ao trabalho. Se não fosse a ajuda que recebiam da comunidade, certamente morreriam de fome. Até as contas de água e luz eram pagas por amigos que sabiam de suas necessidades e sentiam muita pena, já que tinham crianças recém-nascidas.

Ali estava eu, renascido em um corpo feminino com deficiência. Não tardou para que meus sofrimentos começassem, pois meus pais não tinham nenhuma condição e eu mamava bem menos que meu irmão, o que me fez crescer com muita dificuldade. O tempo passou e fomos para a escola. Nesse período, meu pai havia nos abandonado e morávamos somente eu, minha mãe e meus outros irmãos.

Na escola eu sofria demais, pois todos me ofendiam dizendo que eu não

era capaz de aprender, já que não tinha braços e não poderia escrever. Eu me entristecia muito. Entretanto, meu irmão me ajudava muito anotando as tarefas para mim, e os professores eram bastante compreensivos e dedicavam a mim um tempo maior de atenção, o que me fazia sentir mais forte.

Assim, apesar de todos os sofrimentos, fui crescendo com a ajuda de meus irmãos, principalmente, do meu irmão gêmeo.

A esta altura, minha mãe casou-se novamente, juntou-se com um homem que, pelo menos, trazia comida para dentro de nossa casa. Nesse martírio, segui até minha adolescência.

Aos doze anos de idade, eu era uma menina muito bonita e que, apesar da ausência dos braços, chamava muito a atenção. Meu corpo se desenvolveu de forma precoce, e precisei suportar os meninos que ficavam me cercando a fim de se aproveitarem da situação. Mas eu tinha meu irmão, que não saía de perto de mim e me protegia. Ele era muito ciumento e não permitia que os meninos se aproximassem muito de mim.

Minha mãe trabalhava como doméstica numa casa de família, e passava quase o dia todo fora de casa. Assim, quando eu não estava na escola, ajudava a cuidar dos meus irmãos menores. Meu padrasto trabalhava como vigilante noturno e, por isso, dormia o dia todo, acordando apenas para fazer as refeições.

Na ausência de mãos, aprendi a fazer muitas coisas com a boca, até a escrever. Desenvolvi bastante habilidade com os pés, também, com os quais eu também escrevia. Eu só não fazia isso na escola, pois meu irmão sempre me ajudava e, também, porque eu sentia vergonha de assim fazer na frente das outras pessoas.

Um dia eu estava deitada em minha cama enquanto meus irmãos brincavam e meu padrasto dormia. De repente, sentia uma mão me tocar e,

para minha surpresa, era meu padrasto. Assustei-me e dei um pulo da cama, mas ele ordenou que eu fizesse silêncio colocando o dedo em minha boca. Senti tanto medo, que minha voz nem saía.

Ele me agarrou e começou a passar a mão em meu corpo enquanto fechava minha boca com a outra mão. Eu tremia muito e sentia um medo enorme. Ele falou em meu ouvido que eu ficasse quieta e que se eu reagisse, ele me mataria. Além disso, me alertou para que nem pensasse em contar para minha mãe.

Continuei tremendo, quase desmaiei, mas ele apenas passou a mão pelo meu corpo, se é que se pode usar “apenas” nesse caso.

Parando com aquelas atitudes inconsequentes, me disse:

- Calma, minha querida, não lhe quero fazer mal, apenas lhe dar um pouco de carinho. O meu coração está batendo cada vez mais forte por sua causa. Se quiser, deixo sua mãe e me caso com você.

Eu não conseguia falar uma palavra, estava em estado de choque, paralisada, e ele continuava dizendo:

- Pense sobre isso e não diga a ninguém, senão lhe mato, e não quero fazer isso porque estou começando a gostar de você. Vou lhe deixar agora. Não faça nada, pois posso lhe matar se contar para alguém.

E me largou, saindo do quarto. Voltei a me deitar, ainda tremendo muito e incapaz de qualquer reação. Eu não conseguia dizer palavra alguma.

Quando minha mãe chegou naquela noite, meu irmão já havia preparado o jantar e eu estava deitada, ainda. Por isso, minha mãe foi ao meu quarto e me questionou:

- Que foi com você, menina? Seu irmão falou que você não levantou da cama essa tarde, não fez suas obrigações, pelo jeito, não fez coisa alguma hoje.

Está doente?

Respondi a ela, com a voz ainda trêmula:

- Mãe, é que estou com muita dor na cabeça e no corpo, por isso não consegui levantar da cama.

Nesse momento, meu padrasto entrou no quarto, perguntando a minha mãe:

- Aconteceu alguma coisa com a menina?

Minha mãe respondeu, meio brava já:

- Ela disse que está com dor de cabeça e no corpo. Muito esquisito isso, não acha, meu bem?

- Deve estar mesmo. Dê um remédio a ela, deve ser gripe.

Os dois saíram do quarto e eu fiquei aliviado, pois queria ficar ali sozinha. Não tinha vontade de levantar e nem de ver aquele homem que me deixara apavorada. Mas o que fazer? Não sabia. Será que se contasse tudo a minha mãe, ele iria me matar mesmo? Os pensamentos passaram a mil pela minha cabeça. Às vezes, pensava em contar tudo, mas ao mesmo tempo, o medo retornava e perdia a coragem de falar. Sabia que ele iria voltar a mexer comigo e o medo tomava conta de mim.

Passaram-se dias e ele não voltou mais a me incomodar. Eu me sentia mais tranquila, acreditando que ele havia desistido daquela ideia maluca.



CAPÍTULO 11 - O SOFRIMENTO MAIOR

Após dias de tranquilidade eu fiquei sozinha em casa, pois meus irmãos haviam saído e só voltariam a noite acompanhados de minha mãe, já que tinham ido ao médico levar o menor que não estava bem.

Infelizmente, meus medos se concretizaram, e lá estava aquele homem novamente em meu quarto, me olhando fixamente. Eu comecei a tremer como da primeira vez e minha voz sumiu.

Ele se aproximou, colocou a mão em mim e disse:

- Minha querida, você pensou sobre a minha proposta de casar com você? Não estou aguentando mais viver com sua mãe, só penso em você.

Tirei a mão dele de mim com um movimento rápido do meu corpo, mas nesse momento, ele se transformou num monstro mais horrível ainda do que era, me agarrando a força e me jogando novamente na cama. Deitou sobre mim e cometeu o abuso. Eu não conseguia dizer palavra alguma, apenas chorava e sentia uma dor enorme, tanto em meu corpo quanto em minha alma. Eu tinha vontade de mata-lo e ele, me beijando, fazia ameaças dizendo que se eu contasse para alguém, ele me mataria.

Coloquei minha roupa e fiquei deitada, chorando de dor.

Os meses foram passando e os abusos continuaram. Sempre que tinha uma oportunidade, ele aparecia para se aproveitar de mim. Eu evitava a todo custo ficar em casa sozinha com ele, mas ele me ameaçava e, com muito medo,

eu acabava sucumbindo às suas vontades.

Com o tempo, percebi que meu corpo começou a se modificar. Engordei, meus seios ficaram maiores e eu sentia uma fome incontrolável. Depois de uns três meses, minha mãe começou a desconfiar que algo estava errado, pois meu corpo estava muito diferente.

Entretanto, ela sabia que eu tinha muita vergonha dos meninos por não ter os meus braços, e assim, ela tentava não acreditar que eu havia me relacionado com alguém.

Certo dia vi que ela estava questionando meu irmão, perguntando a ele se tinha me visto com algum menino, se tinha namorado alguém. Meu irmão ficou curioso, quis saber o porquê de tantas perguntas de nossa mãe. Ela disse a ele que estava desconfiada de que eu estava grávida e ele indignou-se, pois eu só saía de casa com ele e nunca me relacionara com menino algum.

Não demorou para que não fosse mais possível esconder. Minha barriga estava grande, e minha mãe, com a experiência da vida e muito sofrimento, me questionou de forma incisiva, até que contei. Mas não toquei no nome do meu padrasto, pois temia que ele me matasse.

Eu disse a ela que havia sido abusada por um homem que invadira a nossa casa e fugiu em seguida. Justifiquei que não havia falado nada, porque ele disse que se eu contasse a alguém, voltaria para me matar.

Minha mãe ficou transtornada e nem foi trabalhar. Esperou que o marido chegasse do trabalho e contou tudo a ele que, disfarçando muito bem, se prontificou a ir à Delegacia fazer a denúncia contra o estuprador. Minha mãe aceitou sem pestanejar. Quando retornaram para casa, me disseram que os policiais queriam conversar comigo, pois apenas eu seria capaz de contar os fatos e descrever aquele homem.

Minha cabeça ficou em turbilhão, pois eu tinha medo de falar e acabar

contando toda a verdade. Eu tinha certeza de que, se ele fosse preso, quando saísse iria me matar. Meu medo era enorme e tomava conta de mim. Meu irmão sempre me questionava como aquilo teria acontecido se ele sempre estava comigo.

E minha barriga continuava crescendo. Os policiais insistiram para que minha mãe me levasse até a Delegacia para que eu pudesse contar tudo a eles, com mais detalhes.

Finalmente fomos à Delegacia. Eu não conseguia esconder o meu medo e minha ansiedade. Tinha pavor de contar tudo, mas ao mesmo tempo, parecia que uma voz me pedia para contar toda a verdade, por mais que pudesse ser dura. Eu tinha que contar, mas estava muito confusa.

Chegamos e fomos atendidas por uma policial que nos recebeu muito bem. Ela pediu que minha mãe nos deixasse a sós. Inicialmente, ela titubeou, mas acabou aceitando e eu segui com a policial para uma sala reservada.

Apesar de muito bem tratada pela policial, eu tremia demais. Usando um tom de voz bastante suave e falando manso, ela me pediu que sentasse numa cadeira à sua frente e iniciou a conversa.

- Minha filha, preciso que me conte tudo, com detalhes, pois só assim vou poder lhe ajudar. Preciso saber como ele era, a sua fisionomia, todos os detalhes de que você se lembrar. Me conte tudo e não me esconda nada.

Eu chorava muito e não conseguia falar, soluçando e tremendo. A policial acariciava minha cabeça tentando fazer com que eu me acalmasse. Realmente, aos poucos, fiquei mais tranquila, e comecei a falar. Decidi contar tudo, pois me sentia segura com aquela policial.

- Minha senhora, vou contar tudo, mas antes lhe peço que me proteja, caso ele volte a mexer comigo.

- Pode ter certeza disso, minha querida, vamos lhe proteger sim. - disse a

policial, como se fosse uma psicóloga.

- Então vou lhe contar. Tudo começou num dia em que estava sozinha em casa. Meus irmãos haviam saído para brincar e estávamos somente eu e o meu padrasto em casa. Ele estava lá porque trabalha durante a noite e dorme de dia.

- Foi ele, então?

- Foi sim.

- Conte-me! Continue contando tudo! Preciso dos detalhes para podermos prendê-lo e dar-lhe segurança. Vamos, me conte.

- Eu estava no meu quarto, deitada de bruços e não percebi quando ele entrou. Foi quando senti uma mão me tocando, e dei um pulo, assustada. Eu queria gritar, mas minha voz não saía e logo ele tampou minha boca para não correr o risco de eu falar. Ele me acariciou, disse que estava apaixonado e que estava disposto a deixar minha mãe para viver comigo. Neste dia ele apenas me acariciou e pediu para que eu pensasse em sua proposta e ficasse calada, pois, caso contrário, me mataria.

- E você não contou nada?

- Não, pois fiquei com muito medo. Às vezes o ouvia discutindo com minha mãe e ele era áspero, fiquei com medo dele fazer o que tinha dito.

- Mas, e aí? Conte mais. - Falou a policial, que já estava ficando minha amiga.

- Bom, alguns dias se passaram e ele nem me olhava, então, achei que tivesse desistido daquela maluquice que havia me proposto. Entretanto, na primeira oportunidade em que se viu sozinho comigo, me atacou sem que eu tivesse chance de me defender. Ele abusou de mim e eu senti muita dor, a maior que já senti na vida, pois doía até minha alma. Depois desse ato, ele me

deixou lá na cama e continuou me ameaçando de morte caso eu contasse para alguém.

- Mas foi só uma vez? - Perguntou a policial.

- Não, houve várias outras. Quando percebia que estávamos sozinhos em casa ele abusava de mim, e todas as vezes me ameaçava. Foi ele quem inventou a história que contei à minha mãe. Ele fingiu estar estarecido quando minha mãe lhe contou e me prometeu, na frente dela, que iria pegar o maldito que tinha abusado de mim. - Conte tudo, um pouco mais calma.

Assustada, a policial, que já desconfiava, perguntou:

- E sua mãe, como agiu em relação a toda essa história?

- Ah, minha senhora! Ela acreditou no teatro que ele fez.

- Fique tranquila, minha filha, vamos lhe ajudar. Com esse depoimento, já temos base para prendê-lo, mas sua mãe vai ter que saber de tudo.

- Não conte, policial, não quero que minha mãe sofra também.

- Por agora, não contarei. Mas no momento em que ele for preso, teremos sim que dizer tudo a ela.

Eu não tinha escolha! Já era tarde, eu havia contado tudo e não tinha como voltar atrás. Senti muito medo, pois não sabia como ele iria reagir. Para me acalmar, a policial combinou comigo o que eu deveria dizer a ele e à minha mãe quando me questionassem sobre o assunto.

A policial me explicou que pediria ao juiz um mandado de prisão e que, talvez, isso demorasse pelo menos um dia. Me pediu que ficasse tranquila e confiasse nela, pois tudo daria certo, e ele nunca mais mexeria comigo.

Assim que cheguei em casa, ele e meus irmãos quiseram saber como tinha sido na Delegacia. Conte, então, a história que a policial havia me orientado, a mesma que contei para minha mãe quando saímos de lá.

Quando contei a história, vi no rosto do meu padrasto um certo alívio, olhava-me com a certeza da impunidade.



CAPÍTULO 12 – OS DESDOBRAMENTOS

No dia seguinte logo pela manhã, antes de minha mãe sair, meu padrasto já havia chegado do serviço e estávamos tomando café, quando bateram na porta. Minha mãe foi ver quem era e ficamos todos sentados na cozinha.

De repente, entraram dois policiais e a policial que havia me atendido no dia anterior. Rapidamente deram voz de prisão para meu padrasto mostrando o mandado, um papel que estava nas mãos da policial.

Minha mãe ficou muito assustada com aquilo e pedia calma, ao mesmo tempo que questionava os policiais. Permaneci sentada com a cabeça baixa. Eu não queria olhar para eles, estava com muito medo. Meus irmãos também não entenderam nada. Foi somente quando ele disse que eu iria pagar por aquilo que todos olharam para mim com interrogação nos olhos.

Os policiais o levaram e a policial ficou. Nos levou para sentar na sala e pediu que eu contasse a todos o que havia acontecido. Disse que eu tinha todo seu apoio.

Comecei a contar e minha mãe não acreditou. Meu irmão, por sua vez, ficou com muita raiva e chegou até a ameaçá-lo.

Apesar da incredulidade, graças a Deus, minha mãe acreditou em mim. Ela jurou que nunca mais veria aquele homem e pediu ajuda à policial. Ela que já havia me prometido aquela proteção, confirmou e pediu que ficássemos

tranquilas.

Após os acontecimentos, seguimos nossa vida sem que aquele homem, que realmente fora preso.

Minha barriga ficava cada vez maior e, então, minha mãe decidiu me levar ao médico a fim de fazer os exames necessários e saber se estava tudo bem com a minha gravidez.

A hora do parto chegou e eu comecei a sentir as dores. Eu chorava muito, porque tinha medo daquela situação em que me encontrava. Meu irmão e um vizinho rapidamente me levaram ao hospital. Meu irmão pediu a um de seus amigos que fosse avisar minha mãe.

No caminho para o hospital, as dores se tornavam cada vez mais fortes. Assim que chegamos, nosso vizinho chamou as enfermeiras a fim de que me levassem, e ali começou mais um martírio em minha vida.

Nasceu um menino. Logo depois, o médico veio falar comigo. Eu não havia escutado o choro do bebê e sentia tanta dor, que nem conseguira vê-lo direito.

As coisas já estavam mais calmas e eu já estava na enfermaria com minha mãe. Eles permitiram que ela ficasse comigo por conta da minha deficiência física. O médico, então, adentrou ao quarto trazendo o bebê no colo para que eu pudesse vê-lo, já que não sentia mais dor.

Eu fiquei pouquíssimo tempo com ele, e estranhei quando a enfermeira chegou para leva-lo, dizendo que ele precisava passar um tempo na incubadora.

Minha mãe decidiu então ir falar com o médico e ele lhe contou que o bebê havia nascido com deficiência mental e precisaria de cuidados especiais.

Ela me contou sobre a situação do bebê e eu cai em prantos me sentindo muito triste. Eu me questionava a razão pela qual tudo acontecia comigo. Até

meu filho era deficiente! Eu não era capaz de perdoar o homem que havia feito aquilo comigo e pensava que aquela situação toda era castigo de Deus. Por que tinha que passar por tudo aquilo? Minha mãe tentava me acalmar, pedindo que eu tivesse fé em Deus e dizendo que eu podia ficar tranquila, que ela iria me ajudar a cuidar do bebê.

Eu saí do hospital sem o bebê, que ficou internado por mais uma semana. Eu ia até o hospital todos os dias para amamentá-lo, mas, pobrezinho, não tinha muita força para sugar o leite. Assim, as enfermeiras nos ajudavam com leite em pó, que ele tinha mais facilidade de tomar.

Enfim chegou o dia de leva-lo para casa. Eu havia ganhado um bercinho do vizinho, o mesmo que tinha levado para o hospital. Eu quase não tinha roupinhas para ele, ganhava o leite da Prefeitura e outras doações. Chegavam o tempo todo. Os primeiros dias não foram nada fáceis, pois eu não tinha prática e nem conseguiria pegá-lo. Eu o segurava quando alguém o colocava no meu colo. Meu irmão me ajudava muito, como sempre fizera a vida toda. Minha mãe já havia retornado ao trabalho.

Passei momentos muito difíceis nos primeiros anos de vida do bebê. Ele ficava doente sempre, mas, com a graça de Deus, conseguiu se curar de todas. Ele não andava e, quando já tinha três anos, eu ficava o tempo todo com ele, já que tinha parado de estudar a fim de me dedicar totalmente a ele.

Meu irmão me ensinava algumas coisas que ele achava importantes e isso me ajudava muito a ter um entendimento melhor das coisas.

Eu recebia a visita de muitas pessoas da igreja, que levavam roupas e alimentos todo mês. Eu era muito grata a Deus por ter aquelas pessoas caridosas na minha vida.

E assim meu pequeno foi crescendo. Começou a andar com quatro anos de idade, não falava quase nada e me dava muito trabalho. Era muito difícil dar

comida para ele e quase sempre só tomava leite, que era mais fácil, pois ele não engasgava.

Quando completou sete anos, já estava bem mais esperto. Eu já estava com dezenove anos e havia me tornado uma mulher muito bonita, mesmo sem meus membros superiores. Eu era muito paquerada.

Conheci um rapaz que era amigo do meu irmão, Ele já trabalhava e ajudava muito em casa. Eu havia conseguido me aposentar por invalidez e recebia, assim, meu próprio dinheiro e ajudava minha mãe com as despesas.

Comecei a ter um caso com esse rapaz. Ele parecia ser uma boa pessoa, dava atenção ao meu filho e me ajudava com ele sempre que podia. Minha mãe aprovava o namoro, pois ele era amigo do meu irmão, que também estava namorando.

O tempo passou e fui pedida em casamento. Ele queria morar junto comigo e se dispôs a me ajudar a cuidar do meu filho. Pedimos permissão para minha mãe, e ela, apesar de receosa, acabou deixando, pois gostava muito do rapaz.

Ele havia alugado uma casinha pequena, mas muito bonita, e lá fomos viver. Consegui na Prefeitura uma vaga para que meu filho frequentasse a escola do município, específica para deficientes mentais. Eu passava o dia sozinha, pois meu filho ficava na escola e meu marido trabalhava no mesmo local que meu irmão. Aliás, meu irmão, sempre que podia, passava em casa para me ver, pois nossa afinidade seguia sendo muito grande.

Eu já estava com vinte e três anos quando notei que, mais uma vez, meu corpo estava mudando. Eu engravidara novamente, e meu marido era pura alegria. Ele, minha mãe e meus irmãos me bajulavam e me tratavam como a uma princesa. Dessa vez fui ao médico desde o início da gravidez, assim como deve ser.



CAPÍTULO 13 –

O TEMIDO REENCONTRO

Grávida de sete meses, numa tarde, recebi a visita de minha mãe, o que me causou estranheza, pois ela trabalhava o dia todo. Percebi que seu semblante estava carregado, e ela nunca conseguia esconder de mim quando estava preocupada. Sentou-se e ficou me olhando, como se tivesse algo a me dizer. Ansiosa, pressionei-a para que contasse o que a preocupava.

A coitada, que estava muito nervosa, começou a falar:

- Minha filha, você nem imagina quem me procurou, todo cheio de honras e regalias, me levando até um presente!

Eu já imaginava quem era, mas quis a confirmação de sua própria boca.

- Não vai me dizer que aquele canalha voltou?

Minha mãe, meio sem graça, me confirmou o que eu já sabia ou imaginava.

- Sim, minha filha, ele mesmo. Procurou-me, pediu perdão por tudo o que fez, disse estar muito arrependido e que, se um dia você permitir, ele queria lhe pedir perdão também.

- De jeito nenhum! - respondi bruscamente.

- É, eu sei, minha filha. É muito difícil a gente perdoar um homem como aquele, depois de tudo o que ele fez.

- É sim, minha mãe, acho que nunca irei conseguir perdoá-lo.

Num estalo, lembrei-me de meu filho, que naquela hora estava na escola. Pensei: será que ele sabe onde está? Será que vai querer ver o filho dele? Fiquei transtornada só de pensar e perguntei para minha mãe:

- Você falou para esse crápula onde eu morava e onde meu filho estava?

Minha mãe respondeu, me tranquilizando:

- Fique tranquila, minha filha, não disse nada sobre vocês, pode confiar em mim.

Minha mãe ficou mais um pouco em casa e depois voltou ao seu trabalho, havia saído só por alguns instantes.

De repente minha vida tinha virado de cabeça para baixo novamente. Eu ficava pensando todo o tempo na volta daquele homem. Será que um dia teria mesmo a coragem de me procurar? Por que ele queria isso? Eram tantas as perguntas que vinham na minha cabeça, que nem me lembrava mais que estava grávida, vivia apavorada. Meu marido já havia percebido a minha mudança de comportamento, mas eu falava para ele que era a gravidez que me deixava daquele jeito.

A hora do nascimento do meu bebê chegou. Seria uma menina! Desta vez, eu estava bem preparada, tinha roupas e até um berço novo conseguimos comprar.

Os médicos fizeram vários exames, porque suspeitaram que este bebê também poderia nascer com a mesma deficiência do meu outro filho, mas não foi o caso. Este espírito não precisaria passar pelas mesmas provas e expiações.

Fomos para o hospital, e lá permaneci até chegar a hora. Nasceu uma linda menina, branca feito neve, muito fofa. Estava saudável e, no dia seguinte, já pude ir para casa levando-a. Fiquei alguns dias com meu marido e, depois, minha mãe passou a ficar. A bebê mamava no peito e eu estava feliz por ter conseguido amamentar dessa vez. Era uma menina muito forte.

Meu filho mais velho sentia muito ciúme da irmãzinha, e precisávamos ficar o tempo todo atentos, pois, caso contrário, ele batia nela. Eu estava muito feliz, mas vez ou outra a lembrança da volta do meu padrasto me atormentava.

Passaram-se alguns meses. A bebê já estava grandinha, estava se desenvolvendo normalmente, era muito linda.

Meu irmão tinha ido me visitar, como sempre fazia, mas naquele dia chegou com o rosto cheio de rugas de preocupação. Tinha ido me contar que viu nosso padrasto várias vezes pelo bairro, que até tentou conversar com ele, mas meu irmão não havia permitido.

Voltei a ficar com medo, pois em casa ficávamos somente eu e uma menina, filha da vizinha, que meu marido pagava para me ajudar com a bebê.

Ficava pensando: Será que ele teria a prepotência de um dia me procurar para me pedir desculpas mesmo?!

Meu irmão tentou me acalmar, disse que estaria ali caso precisasse de alguma coisa. Alertou-me que não deveria contar a história para meu marido, pois ele seria capaz de ir atrás do homem e mata-lo. Meu esposo nem imaginava que aquele homem poderia aparecer novamente. Eu não havia contado nada a ele, pois tinha medo da sua reação. Mas, graças a Deus, ele não teve coragem de me procurar, mas fiquei sabendo que ele estava vivendo novamente na cidade.

Meu filho já estava grande, tinha melhorado muito na escola que frequentava, já estava aprendendo até a escrever algumas letras. Mas ele tinha uma personalidade muito agressiva, e sempre que eu não estava por perto, queria judiar de sua irmã.

Eu tentava explicar para ele que precisava ama a irmã, mas ele não aceitava. Era um ódio que só poderia vir de outras vidas. Mas, meu papel nessa vida era de reconciliá-los e também me reconciliar com eles.

Meu marido via quando ele ficava nervoso e queria bater na irmã, que corria para o colo do pai sempre que isso acontecia. Eu podia ver nos olhos do meu marido a raiva que ele sentia pelo menino, pois a convivência entre eles não era fácil. Meu filho não conseguia conviver com ninguém, era muito raivoso, tinha ódio dentro de si, e eu ficava muito triste com aquilo, porque amava a todos.

Em determinado dia, escutamos o grito e o choro de nossa filha. Rapidamente corremos até o quarto deles e lá estava meu filho tentando sufocar a irmã, que já perdia a voz e a respiração.

Meu marido pulou em cima deles, separando o menino dela e empurrando-o contra a parede. Eu corri e peguei-a no colo. Ela já estava ficando roxa. Quando olhei para o lado, meu marido estava batendo em meu filho. Eu não sabia o que fazer, não sabia se socorria minha filha ou meu filho. Comecei a gritar pedindo que meu marido parasse, mas ele batia tão forte que meu menino acabou desmaiando. Ao ver aquilo, coloquei minha filha na cama novamente, pois ela estava bem, e fui socorrer meu filho. Eu gritava, chamava, mas ele estava não respondia. Meu marido ficou com minha filha, me olhando assustado, pois tinha tomado aquela atitude por impulso e agora estava em estado de choque. Eu tentava a todo custo reanimar meu menino. Por mais que ele fosse agressivo, eu o amava, era meu filho.

Não houve nada que o fizesse acordar e, por isso, saí como uma louca, desesperada, pedindo ajuda para que alguém pudesse levar-nos ao hospital. Entretanto, ele não estava mais respirando. Eu soprava dentro da boca dele, mas não reagia.

Sentei-me e o peguei em meu colo. Naquele momento de desespero, eu o havia pegado como se tivesse os membros superiores completos, tinha uma força absurda. Era a força de uma mãe desesperada.

De repente, apareceu um carro de polícia que nos levou até o hospital. Eu

chorava muito e pedia para Deus que não levasse meu filho embora. Chegamos ao hospital e logo ele foi socorrido, mas de nada adiantou, ele já havia desencarnado.

A tristeza tomou conta de mim mais uma vez. Logo minha mãe e meus irmãos souberam do ocorrido. Meu marido estava em estado de choque, já que sabia que havia feito algo muito grave. Ele estava paralisado, não dizia uma palavra sequer e tinha os olhos arregalados. Foi levado à Delegacia e ficou preso.

Passado o enterro, fui até a Delegacia para vê-lo. Com a permissão do delegado, entrei numa sala onde fiquei esperando. Minha mãe havia me acompanhado até lá, mas não quis entrar, já que sentia muita raiva dele.

Quando ele entrou na sala, vi que não estava normal. Seu olhar estava fixo e ele não conseguia falar comigo, somente me olhava. Eu disse que o perdoava, pois tudo havia acontecido num momento de descontrole. Eu sabia que sua raiva vinha se acumulando há muito tempo e que ele tinha descarregado tudo de uma vez, na tentativa de proteger nossa filha. Se ele não tivesse interferido, nossa filha teria morrido.

Como não poderia deixar de ser, minha vida seguiu. Meu irmão veio morar comigo, porque eu precisava de ajuda, já que havia dispensado a moça que me ajudava com a bebê. Quase todos os meses eu ia visitar meu marido na cadeia, sempre acompanhada por meu irmão, que anulou sua vida para poder me ajudar. Nossa ligação era muito forte! Minha mãe continuava vivendo da mesma forma, trabalhando e cuidando dos meus outros irmãos.

O meu padrasto ficou sabendo do ocorrido. Sempre que via meu irmão, tentava abordá-lo, mas ele não dava condições para meu padrasto se aproximar, pois tinha muita raiva dele também.

Mas, com minha mãe ele havia voltado a ter contato. Se encontravam, às

vezes. Foi ela quem relatou a morte do meu filho para ele. Foi um grande erro que ela cometeu, pois só aumentou a raiva que ele tinha de mim. Aquele amor que ele havia declarado inicialmente, tinha se transformado em raiva e em ódio. Influenciando por espíritos de antigos desafetos meus de outras vidas, esses sentimentos só cresciam.

Ele chegou até a ir à Delegacia para fazer uma visita ao meu marido, mas os policiais já o conheciam, porque havia ficado preso ali por um tempo, e não deixaram ele o visitasse. Além disso, eles sabiam bem da ligação que ele tinha comigo.

Eu continuava com muito medo. Quando meu irmão me contava que ele havia tentado contato com ele, eu me arrepiar toda. Tinha pavor de pensar que ele pudesse fazer algum mal para minha filha. Assim, eu ficava sempre de olho nela, que já estava andando.

Meu irmão trabalhava e, por isso, saía muito cedo e só voltava no início da noite. Ele me ajudava com seu salário, e eu me mantinha com minha aposentadoria e com a ajuda que recebia do governo.

Minha pequena já estava com três anos de idade e já falava quase tudo, era uma gracinha. Levei-a para o pai vê-la, pois ele morria de saudade dela. Ele estava prestes a sair da cadeia. Era uma boa pessoa, e ganharia o direito de cumprir sua pena em casa e voltar a trabalhar.

Mas meu padrasto não havia desistido de me procurar, a obsessão dele só aumentava.

Um dia, meu irmão já havia saído para trabalhar e eu estava do lado de fora de casa com minha filha, que gostava de brincar todas as manhãs ao ar livre. Quando olhei para o outro lado da rua, lá estava aquela figura que me horripilava. Meu corpo começou a tremer involuntariamente e o medo tomava conta de mim, trazendo as lembranças na velocidade de um raio.

Fiquei paralisada e não tive reação alguma. Apenas quando o vi se aproximando, olhei para minha filha pensando no que poderia acontecer. Eu tentava gritar e chamar por socorro, mas minha voz não saía. O pânico tinha me deixado muda.

Graças ao bom Deus, ele se aproximou, olhou-nos, elogiou a minha filha dizendo que ela era uma gracinha e que eu estava cada vez mais bonita, se afastou e foi embora. Eu seguia sem conseguir dizer uma única palavra.

Aos poucos, fui me acalmando até que consegui falar e chamar minha filha para entrar em casa. Entramos e tranquei todas as portas. Eu estava com muito medo e não sabia se ele realmente havia ido embora. Fui para meu quarto e fiquei deitada com minha filha, como se ali eu pudesse protegê-la.

O dia passou sem que eu conseguisse fazer coisa alguma. Eu estava paralisada. Quando meu irmão chegou e me viu naquele estado, totalmente assustada, nem precisou perguntar. Meu rosto contava tudo o que tinha acontecido.

Ao me ver naquela situação, me abordou perguntando sobre os acontecimentos. Contei para ele que aquele homem havia aparecido na porta da nossa casa e tinha falado comigo e com a bebê, mas somente isso. Graças a Deus ele não tinha feito mais nada e logo foi embora. Disse que meu medo já tinha se transformado em pânico e, com as lembranças do passado, havia ficado paralisada e não conseguira ter reação alguma.

Meu irmão tentou me acalmar dizendo que eu não tinha o que temer, pois tudo aquilo que havia acontecido já tinha ficado no passado. Disse que era previsto que ele realmente aparecesse, pois sabia que tinha um filho comigo, mas que não acreditava que ele seria capaz de cometer qualquer loucura de novo. Disse, inclusive, que ele já estava vivendo com outra mulher e que constituíra nova família.

Eu queria muito acreditar no que meu irmão estava dizendo, mas eu tinha minhas dúvidas. Eu tentava justificar que meu irmão tinha razão, pois talvez, eu tivesse ficado daquele feito por conta das lembranças que sempre me causavam pânico.

O tempo passou e já faltava apenas um mês para que meu marido saísse da cadeia e voltasse para casa.

Toda manhã eu olhava ao redor da casa e na rua antes de sair com minha filha. Eu tinha muito medo daquele homem estar ali novamente. Já se aproximava o dia da liberdade do meu marido, e não via a hora disso acontecer, pois pelo menos eu teria mais segurança.

Numa tarde, minha filha dormia, como fazia todos os dias. Eu estava sentada na sala e ouvi um barulho no quintal. Chamei pelo meu irmão, achando que fosse ele, mas ninguém respondeu. Chamei por minha mãe, e mais uma vez, nada. Até me questionei se havia ouvido mesmo o barulho ou se era fruto do meu medo. Resolvi olhar o que tinha acontecido lá fora. Saí pela porta da cozinha e, segurando uma vassoura com os tocos de braços, olhei por tudo, mas nada vi. Cheguei à conclusão de que tivera sido fruto da minha imaginação. Entrei e tranquei a porta. Eu caminhava para a sala quando senti uma mão tapar minha boca, enquanto a outra me segurava. Eu quase desmaiei quando me dei conta de que era ele, que me agarrava e me beijava a força. As lembranças voltaram com força total, e eu não conseguia nem gritar nem me soltar. Ele me jogou no chão e, mais uma vez, abusou de mim.

Ameaçou-me dizendo que se eu fosse à polícia e, novamente, contasse tudo, iria matar a mim e à minha filha. Consumado o estupro, me soltou e deixou a casa com pressa. Permaneci deitada no chão por algum tempo, sentindo toda a dor de anos atrás.

Escutei minha menina me chamando e me levantei num pulo só. Corri até ela e ficamos abraçadas por um bom tempo. Apesar da dor que sentia,

agradei a Deus por ele não ter feito mal a ela. Já estava na hora do meu irmão chegar, então, decidi tomar banho e fingir que nada tinha acontecido, pois minha filha não havia presenciado aquela atrocidade e não contaria nada.

Meu irmão chegou e percebeu que eu estava um pouco cabisbaixa, e perguntou o que eu tinha, já que estava com semblante de dor. Procurei disfarçar ao máximo dizendo que estava com muita dor de cabeça, que já tinha tomado um remédio, mas ainda não havia passado. Disse para que não se preocupasse, pois logo estaria melhor. Ele acreditou, mas ficou meio desconfiado.

Eu não consegui dormir naquela noite. Só pensava naquele homem e em como ele teve coragem de fazer tudo aquilo de novo. Pensei até que Deus teria me abandonado, mas logo eu agradecia a Ele, pois minha filha estava segura e dormindo ao meu lado, sem que ele tivesse feito nada a ela.



CAPÍTULO 14 – DE VOLTA À VERDADEIRA VIDA

Chegou o tão esperado dia em que meu marido sairia da cadeia. Fomos todos até lá para poder recepcioná-lo. Meu irmão, que havia perdoado meu marido, faltou ao seu emprego para me acompanhar, e carregava minha filha, sua sobrinha querida, no colo.

Ficamos esperando do lado de fora até que o portão se abriu e ele saiu segurando sua trouxa de roupas. Estava bonito, tinha até feito a barba. Quando nossa filha o avistou, entrou em êxtase, não sabia se corria até ele ou se ficava ali do meu lado. A alegria dela era contagiante e, a minha, também era enorme. Há muito tempo não sentia essa felicidade. Eu havia me transformado em uma pessoa triste. Entretanto, naquele dia senti que tinha me libertado da tristeza.

Aproximando-se de nós, nos abraçou e segurou nossa filha em seu colo, enchendo-a de beijos. Era tanta alegria que até choramos, eu principalmente.

Seguimos então para nosso lar. O alívio de tê-lo ali comigo novamente era imensurável. Quando chegamos em casa, ele quis entrar em todos os cômodos, como se estivesse com saudade de todo o lugar.

Eu havia preparado um bolo e tinha também comprado refrigerantes para festejarmos a sua volta. Comemos, conversamos e rimos. Ele nos contou várias histórias do período em que ficou preso. Era uma alegria só.

Meu irmão nos informou que ia voltar a morar com minha mãe, pois não queria atrapalhar, mas nos disse que ainda ia me ajudar com as necessidades da casa até que meu marido arrumasse um emprego novamente.

Fiquei triste com a saída do meu irmão, mas entendia que ele precisava seguir sua vida de forma independente da minha, tinha que traçar seu caminho. Meu marido o

agradeceu por tudo o que havia feito por mim e por nossa filha, disse que seria grato a ele para sempre.

Com as bênçãos de Deus, logo meu marido conseguiu um trabalho. Não ganhava muito, mas já dava para colocar comida em casa. As coisas iam entrando no eixo novamente.

Eu já não lembrava mais daquele homem que mais uma vez abusara de mim. Estava vivendo mais tranquila e ele nunca mais havia aparecido nas redondezas. Nem parecia verdade, de tão boa que estava minha vida. Sentia uma tranquilidade que nunca havia experimentado, pois sempre havia algo para me perturbar.

Aos poucos, minha mãe começou a ir novamente à minha casa. Havia perdoado meu marido por conseguir entender que ele agiu por um impulso e não por maldade.

Após um período, minha filha já estava frequentando a escola e ficava lá durante todo o dia. Ela já tinha seis anos de idade. Eu ficava em casa cuidando de tudo e meu marido conseguiu um outro emprego, onde ganhava mais. Ele merecia, pois era bastante capacitado. Nossa via havia melhorado bastante.

Mas eu tinha ainda que cumprir todos propósitos que Deus havia me designado, e o pior ainda estava por vir.

Eu estava sozinha em casa numa tarde, como ficava todos dias, quando ouvi um barulho no quintal. Aquilo me deixou em pânico, pois na última vez que isso tinha acontecido, era aquele malfeitor que estava de volta. Mas desta vez não iria deixá-lo me agredir, iria gritar o mais alto que pudesse. Corri trancar as portas, já com o corpo tremendo muito. Feito isso, permaneci na sala tentando ouvir se o barulho aconteceria novamente.

Sentei-me no sofá e fiquei em silêncio. Não ouvia minha própria respiração. De repente, escutei um barulho no quarto e logo me perguntei se tinha fechado a janela? O medo tomou conta de mim novamente, comecei a tremer sem parar, batia até os dentes. Ouvi passos e já estava quase desmaiando. Lutando contra meu medo, tentava gritar e, mais uma vez, minha voz não saía. Foi quando vi a sombra de uma pessoa na porta do quarto. Consegui soltar um grito de socorro, mas, mal acabei de gritar, ele novamente estava me segurando e tampando minha boca. Dessa vez me agrediu dando socos em minhas costas, dizendo para eu não fazer barulho. Fui ficando fraca e minhas vistas

escureceram. Eu já estava a ponto de desmaiar quando ele começou a abusar de mim. Eu buscava forças, mas não conseguia. De novo eu estava paralisada, sentia uma dor horrível. Parecia que era a primeira vez que aquilo acontecia comigo.

Graças a Deus uma vizinha havia escutado meu grito de socorro e pediu ajuda a vários homens que arrombaram a porta da minha casa, inclusive meu marido, que também tinha sido chamado. Quando aquele maldito viu os homens entrando em minha casa, me soltou e correu para o quarto, tentando fugir por onde havia entrado, mas não consegui. Estava com as calças arreadas e caiu e, então, os homens e meu marido conseguiram pegá-lo.

Os homens o arrastaram para fora enquanto meu marido me prestava socorro. Ele me segurava em seu colo, chorando comigo. Eu chorava de tristeza e ele, de raiva. Levou-me até o quarto e me colocou deitada sobre a cama, pedindo para minha vizinha que ficasse comigo, pois tinha algo a fazer. Eu suplicava a ele que não sujasse as mãos com aquele homem, que deixasse a polícia fazer o que fosse preciso, mas a raiva tomava conta dele. Ele estava transfigurado, ainda mais depois que acabei falando que, enquanto ele estava preso, aquele maldito havia feito aquilo comigo e me ameaçado de morte se contasse para alguém.

Eu nem consegui terminar meu pedido e ele já tinha saído do quarto. Estava lá fora, junto com os outros homens, linchando aquele crápula. Ele apanhou muito de todo, mas meu marido deu-lhe o golpe final com uma enxada que tínhamos no quintal. O mau caráter do meu padrasto não aguentou, vindo a óbito.

A raiva era enorme, todos os moradores da vizinhança estavam presentes, todos haviam participado do linchamento.

Fui levada ao hospital, por ordem dos policiais, para fazer o exame de corpo de delito. Tudo foi confirmado e, graças a Deus, meu marido não foi preso novamente.

Eu fui adoecendo. Aquelas cenas não saíam de minha mente e me atormentavam. Eu não conversava com mais ninguém e nem conseguia cuidar direito da minha filha. A depressão se instalara em mim e fui levada a médicos que me deram remédios que me dopavam ainda mais. Eu vivia num mundo só meu.

Minha mãe me ajudava a cuidar da minha filha. Eu e meu marido nunca mais tivemos relações, pois todas as vezes que tentávamos, eu revivia aquelas imagens e sentia

todas as dores daquele dia.

Estava emagrecendo muito. Não tinha fome e ficava quase o tempo todo deitada. Vivia à base de medicamentos que me deixavam zonza e, ao invés de me ajudar, me deixavam cada vez pior.

O meu casamento, claro, já não era mais o mesmo. Via meu marido somente de manhã, quando ele saía para trabalhar. A única coisa que me mantinha viva e me dava um pouco de forças, era a presença de minha filha, que ficava junto de mim durante o período em que não estava na escola. Ele me fazia carinho, cuidava de mim junto com minha mãe, que passava quase o dia todo em minha casa. Era ela quem cozinhava e limpava tudo. Eu não tinha mais forças para esses serviços, e nem ânimo.

A cada dia que passava, eu ficava mais fraca. Me alimentava somente com as sopas que minha mãe me dava. Meu irmão me visitava todos os dias e estava muito triste por me ver naquele estado. Eu sempre pedia a ele que se eu morresse, se Deus me levasse, para que ele cuidasse da minha pequena como se fosse sua filha.

Eu sempre pedia perdão sempre ao meu marido, pois me sentia culpada por não ter tomado atitude alguma antes. Ele sempre dizia que não havia necessidade alguma de pedir perdão, que eu não tinha culpa de nada e que eu precisava reagir, ser forte, para que juntos conseguíssemos criar a nossa filha.

Sempre após as conversas matinais que tínhamos, o desânimo voltava e a fraqueza tomava conta de mim. Eu já nem me levantava da cama. Piorava a olhos vistos e, não muito tempo depois, contraí uma gripe que se transformou em pneumonia. Fui levada ao hospital e por ali fiquei alguns dias. Entretanto, como estava muito fraca, não resisti e desencarnei.

Era o fim de todo o sofrimento.

Fiquei algum tempo perdida em lugares onde só escutava gritos de sofrimento, vendo pessoas que, como eu, estavam maltrapilhas, doentes e confusas.

Eu não sei precisar quanto tempo passei naquele lugar, até o dia em que me lembrei de rezar, pedindo a Deus que em ajudasse a encontrar o caminho que me levaria de volta à minha filha e meus familiares.

Foi naquele instante de oração sincera que percebi uma luz incrivelmente

maravilhosa surgir a minha frente. O que seria aquilo? Pude ver, então, que dela saíram alguns homens, todos vestindo branco e carregando uma maca, onde fui colocada. Disseram-me que iriam me levar a um hospital onde eu seria tratada. Como eu já não tinha forças para mais nada, aceitei sem questionar.

Assim cheguei ao hospital do plano espiritual, que ficava em uma cidade cheia de prédios enormes. Mas não vi muita coisa, pois logo me sedaram.

Permaneeci em tratamento por muito tempo. Eu ficava acordada por poucos minutos ao longo do dia, e logo me faziam dormir novamente. Aos poucos fui melhorando e compreendendo o que havia acontecido comigo, tudo o que eu precisara resgatar. Foi assim que percebi quais eram os propósitos de todos os sofrimentos que enfrentei naquela última existência.

Eu atingi os objetivos de minha última encarnação e, por isso, permitiram que eu ficasse aqui no plano espiritual por mais tempo a fim de me dedicar mais aos estudos das realidades do Pai. A Espiritualidade superior que governa nosso planeta e nossas colônias, permitiu que eu voltasse a utilizar a forma de minha penúltima existência, pois nela eu me encontrava mais tranquilo, tendo enfrentando muitos sofrimentos marcantes nesta última que acabo de lhes contar.

Por isso, hoje me apresento como Antônio. Sigo me aperfeiçoando e estudando e, logo que me for permitido, voltarei com muito gosto ao plano terrestre a fim de melhorar-me ainda mais.

Agradeço a atenção de todos que se interessaram pela minha história de vidas passadas. Quis contar a vocês, leitores, que podemos nos redimir de todos os nossos erros, desde que tenhamos fé verdadeira e nos apoiemos humildemente no auxílio de todos que se dispõem a nos ajudar, a nos mostrar os caminhos do nosso mestre Jesus. Com fé no Pai, tudo é sempre possível!

Um abraço carinhoso a todos.



Conheça outros lançamentos da Editora Letra Espírita



O AMOR VENCE O SUICÍDIO

Sinopse: O livro leva o leitor a uma reflexão profunda a respeito do suicídio, demonstrando as causas e efeitos para um espírito que subtrai a própria vida em uma sequência de fatos imprevisíveis.

Muitas mães e pais compreenderão que não são culpados pelas escolhas que os filhos fazem e, tampouco, com a decisão de tirar a própria vida e que muitas das ações praticadas no presente são reminiscências de bagagens trazidas de vidas passadas, que são superáveis com a reforma íntima e com o amparo de espíritos amigos, e, principalmente com o amor, pois, somente o amor vence o suicídio.

Gênero: Romance

Autor: Luis Carlos dos Santos |

Flamaryon de Versalhes (espírito)

Páginas: 152

Tamanho: 14x21



DESMISTIFICANDO A MEDIUNIDADE

Sinopse: O livro aborda a temática mediunidade e suas principais peculiaridades, trazendo importantes esclarecimentos não apenas para quem já é espírita, mas para todos que desejam conhecer sobre esta faculdade. Elucidando também questões referentes à emancipação da alma, influência espiritual, reuniões mediúnicas e obsessão, esta obra doutrinária mostra-se como muito instrutiva. Utilizando a metodologia de perguntas e respostas contribui para que o leitor desperte para um estudo sério, metódico e aprofundado do Espiritismo, como sempre nos orientou Allan Kardec.

Gênero: Doutrinário

Autora: Evelyn Freire de Carvalho

Páginas: 232

Tamanho: 14x21



A MORADA DOS ESPÍRITOS E SUAS LEIS

Sinopse: Trazendo informações que ajudarão o leitor a entender sobre a pluralidade dos mundos habitados, como se dá a vida nas diversas moradas do Universo, bem como acerca da lei natural de Deus, didaticamente dividida em dez leis morais, este livro é de leitura imperdível. Incluindo em cada capítulo as dúvidas mais frequentes sobre cada temática, terá o leitor a oportunidade de compreender o Espiritismo por meio de didática e instrutiva leitura.

Gênero: Doutrinário

Autora: Evelyn Freire de Carvalho

Páginas: 240

Tamanho: 14x21



ALGUÉM ME VIU AQUI

Sinopse: Um casarão em ruínas, um grupo de jovens curiosos acerca do mundo espiritual e uma médium que não aceitava nem entendia sobre sua mediunidade, fazem parte do cenário desse empolgante romance espírita, no qual acompanharemos a história destes jovens que se entrelaça com a de Maria Eduarda, assassinada brutalmente e que tenta incessantemente fazer contato com o “mundo dos vivos”, a fim de obter ajuda e poder seguir seu caminho em paz.

Gênero: Romance

Autora: Fátima Moura | Mariana (espírito)

Páginas: 152

Tamanho: 14x21